



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O SUJEITO DE REFERÊNCIA INDETERMINADA NO PE INSULAR: UMA ANÁLISE
CONTRASTIVA COM O PE CONTINENTAL E O PB

Geovane Melo Emídio Sousa

Rio de Janeiro
Ano 2019

GEOVANE MELO EMÍDIO SOUSA

O SUJEITO DE REFERÊNCIA INDETERMINADA NO PE INSULAR: UMA ANÁLISE
CONTRASTIVA COM O PE CONTINENTAL E O PB

Monografia submetida à Faculdade
de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/ Literatura.

Orientadora: Prof. Doutora Maria Eugênia Lammoglia Duarte

RIO DE JANEIRO
Ano 2019

Sousa, Geovane Melo Emídio.

O Sujeito de referência indeterminada no PE insular: uma análise contrastiva com o PE continental e o PB/ Geovane Melo Emídio Sousa. – 2019. 57 f.

Orientadora: Maria Eugênia Lammoglia Duarte.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 53-57.

1. Assunto (Teoria da Variação e Mudança; Parâmetro do Sujeito Nulo)
- . 2. Assunto (Indeterminação). I Sousa/ Geovane II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2019) III.

Agradecimento

São tantas as pessoas que participaram dessa minha árdua trajetória até aqui, peço desculpas àquelas que não mencionei, saibam que estão no meu coração. Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer a minha orientadora Maria Eugênia Lammoglia Duarte que, desde o 5º período de minha graduação, me guiou até aqui, apesar de eu fazer milhares de coisas ao mesmo tempo. Acreditou no meu trabalho e nunca desistiu de mim durante a pesquisa de Iniciação Científica. Mais que uma orientadora, foi uma mãe, sempre paciente, doce e firme durante as orientações. Como sempre, me incentivou e continua a me incentivar.

A minha mãe que, mesmo não conhecendo a área que havia escolhido, me apoiou em minha escolha. Sempre me deu forças, no início da graduação, para continuar. Nunca me esquecerei de tudo o que fez por mim. Peço desculpas por viver esse momento odisséico, distante de ti, mas saiba que em uma obra épica, o herói volta vitorioso. É por você que chego até aqui.

Ao meu grande amigo Gilberto, por quem tenho um grande carinho! Da metade para o final de minha graduação, eu te conheci (presente que a vida me deu), foi numa estação de metrô, começamos a conversar sobre *A Origem da Tragédia* de Nietzsche (conversa que foi parar em um barzinho) e nunca mais nos separamos. Obrigado pelos conselhos, pelas sugestões, pelos cafés acompanhados de debates filosóficos-históricos-literários que tivemos juntos e, principalmente, pela admiração, reconhecimento e incentivo. Tenho a certeza de que vai conseguir ingressar no curso de História a que visa e será meu colega de trabalho.

Ao meu parceiro de pesquisa, Eduardo Patrick, que, de uma pessoa fechada, nada sorridente, foi se soltando aos poucos nos fins de tarde de quarta e sexta em que conversávamos após as orientações de pesquisa. Muito obrigado mesmo, de coração, por todo o aprendizado (impressionante seu transbordamento de conhecimento, parece que vai explodir!), indicação de leituras e opiniões tão construtivas ao longo desse tempo.

À minha professora regente, Aline Brito, do Colégio Pedro II que muito iluminou minhas práticas em sala de aula no ensino médio e se tornou uma grande amiga minha ao lado da professora Flávia Amparo que continuará minha jornada na vida acadêmica em literatura.

Aos meus amigos de verdade da graduação: Shellen Castro, Aline Calixto e Davi Franco que sempre me ajudaram, vibraram, estudaram, choraram e gargalharam comigo durante esta mini-trajetória. A vocês, o meu carinho e gratidão por tudo!

Por fim, a todos que, como disse inicialmente, não apareceram aqui, mas foram de fundamental importância, para a realização deste sonho que está apenas no início.

A Linguística não é uma ciência previsível, e eu prefiro deixar o futuro acontecer em seu devido tempo. O que irá determinar o futuro serão os resultados dos estudos em variação linguística, se eles provarem ser uma rota positiva e cumulativa para responder nossas questões fundamentais sobre a natureza da linguagem e das pessoas que a utilizam.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1 – Pontos iniciais.....	12
1.1. Funchal: uma comunidade insular complexa.....	12
1.2. O sujeito indeterminado na tradição gramatical.....	14
Capítulo 2 – Pressupostos teóricos.....	15
2.1. Teoria da Variação e Mudança.....	15
2.2. Princípios e Parâmetros.....	18
2.2.1. As Estratégias de indeterminação segundo Marins <i>et alii</i>	20
2.2.2. As Estratégias de indeterminação segundo Holmberg e Phimsawat.....	27
Capítulo 3 - Refinando objetivos e hipóteses e Metodologia de trabalho.....	28
3.1. Objetivos e hipóteses.....	28
3.2. Metodologia.....	29
3.2.1. A amostra.....	29
3.2.2. Grupo de fatores.....	30
Capítulo 4 – Análise dos resultados.....	33
4.1. Distribuição geral.....	34
4.1.1. As estratégias exclusivas caracterizadas pelos traços de [+3ª pessoa /+plural].	34
4.1.2. As estratégias semi-inclusiva caracterizadas pelos traços [+1ª pessoa/+plural].	40
4.1.3. As estratégias inclusivas caracterizadas pelos traços de [+3ª pessoa/+singular]	44
4.2. Dos resultados para aspecto e modalidade – o caso do zero.....	48
5. Considerações finais: o (não) contraste com o PE continental e PB.....	52
6. Referências bibliográficas.....	53

Introdução

Estudos sincrônicos sobre a representação pronominal do sujeito de referência definida (cf. Duarte 1995; 2019), Duarte e Rezende dos Reis (2018) mostram a forte preferência do português brasileiro (PB) pelos pronomes nominativos expressos tanto para a 1ª e 2ª pessoa (com traços inerentemente [+humano]), quanto para a 3ª pessoa, que compartilha traços [+/- humano], como podemos ver nos exemplos (1) e (2), respectivamente¹:

- (1) a. Mesmo que **eu_i** não fizesse pré-vestibular, **eu_i** acho que **eu_i** passaria por causa da base que eu tinha.
b. **Você_i** me disse que **você_i** está morando em Copacabana.
- (2) a. [**Essa minha tia_i**]_i que mora aqui, **ela_i** é solteirona e eu acho que **ela_i** é super-feliz, sabe (...) **Ela_i** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela_i** ficou solteira porque **ela_i** quis.
b. [**a casa_i**]_i virou um filme, quando **ela_i** teve de ir abaixo.

Esta mudança em progresso pela qual passa o PB é uma forte evidência da remarcação no valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)², passando de língua marcada positivamente [+Sujeito Nulo] para negativamente [-Sujeito Nulo]. Uma explicação atribuída a este comportamento estaria estritamente ligada à redução do paradigma flexional do PB.

A isso, Duarte (2019) lembra, com base em Luchessi (2009), que, historicamente, a redução do paradigma flexional – fruto do intenso contato com escravos africanos – se deve, inicialmente, a dois processos fonético-fonológicos: a apócope do < - s > de 2ª pessoa, hoje a forma mais frequente nas regiões em que o pronome *tu* é utilizado, e a redução do ditongo de 2ª e 3ª pessoa do plural, um processo variável e sujeito a fatores de natureza social.

1 Exemplos retirados de Duarte (1995) e retomados no trabalho de Marins *et alii* (2015; 2017).

2 Conceito dentro da Teoria Gerativa introduzido na teoria de Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981), segundo o qual postula que todas as línguas projetam uma posição de sujeito, sendo algumas marcadas [+Sujeito Nulo], caso em que a língua permite omitir o sujeito, e [-Sujeito Nulo] em que a língua já não permite esta possibilidade. A seção 2.2 faz um aprofundamento do conceito na literatura até os dias atuais em sua versão Minimalista.

Dois outros fatos vieram a agravar a redução do paradigma flexional do PB: a entrada do sintagma nominal gramaticalizado *a gente* (para referência à 1ª ps. pl.) e a gramaticalização da forma de tratamento *vossa mercê* → *você*, ambos combinando-se com a forma verbal de 3ª pessoa, graças à sua origem nominal. Assim, mudanças no sistema pronominal afetaram o paradigma flexional do PB, reduzindo-o a três ou quatro formas distintas, com a predominância da forma de 3ª pessoa do singular, sem marca desinencial, utilizada para a 2ª ps, 3ª. ps, 1ª ps.pl. e, eventualmente, para a 2a e 3a pp.

Sobre esse processo de gramaticalização de ambas as formas, Duarte (2019) se baseia nos trabalhos de Lopes (2002; 2003), descrevendo que:

Temos evidências diacrônicas suficientes de que os processos de gramaticalização de *você* e *a gente* começaram muito lentamente antes do século XIX. Em relação a *a gente*, Lopes (2003) atesta que é no final do século XIX, após um período de transição entre uma leitura nominal e uma interpretação pronominal, que se dá a total implementação de *a gente* em competição com *nós*, que tem uma desinência exclusiva <-mos>. Em relação a *você*, Lopes (2002) mostra que sua variação com *tu*, a forma mais usual em cartas, é muito esporádica ao longo do século XIX e só vai entrar no sistema pronominal lentamente no século XX. (DUARTE, 2019: 94)

É dessa forma que, de acordo com os estudos mencionados no início desta seção, gradativamente os sujeitos pronominais passaram a ser expressos. O trabalho de Duarte (1995), baseado em amostras de fala carioca do projeto NURC-RJ dos anos 1990, mostrou, em “tempo aparente”, a redução dos sujeitos nulos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas em três faixas etárias. Para a 1ª pessoa, os resultados foram 33%, para os mais velhos, e 21%, para a faixa intermediária e a mais jovem. A 2ª pessoa, exibiu 20%, 6% e 8% para os mais maduros (59 - 74 anos), o grupo intermediário (45 - 53 anos) e os mais jovens (25 - 32 anos), respectivamente. Finalmente, a 3ª pessoa, na época, se mostrou com os índices mais altos de sujeito nulo com 50%, 35% e 29%, para as faixas mais velha, intermediária e mais jovem, respectivamente.

Além disso, na mesma época, como contraste, a autora também realizou o mesmo estudo para o português europeu (PE) oral. Seu interesse era verificar, quantitativamente, o quão *pro-drop* esta língua era, com base igualmente também em amostras de fala coloquial presente em Nascimento *et alii* (1987): *Português Fundamental: volume segundo. Métodos e documentos: tomo primeiro. Inquérito de frequência*. Instituto Nacional de Investigação

Científica - Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Seu corpus foi constituído, levando em consideração apenas duas faixa-etárias: uma primeira com informantes entre 22 e 33 anos e uma segunda com 46 e 60 anos. Como era de se esperar, o sujeito nulo foi preferido em todas as 3 pessoas do discurso por ambos os grupos, com 53% (para a 1ª pessoa), 72% (para a 2ª pessoa) e 64% (para a 3ª pessoa).

Vinte anos depois, Duarte e Rezende dos Reis (2018) e Duarte (2019) fizeram uma nova análise comparativa do PB oral do Rio de Janeiro e do PE, com base na fala de Lisboa - com base em amostras de fala gravadas entre 2009 e 2010, que incluem gravações de Funchal, na Ilha da Madeira, que serão usadas nesta pesquisa – Corpus Concordância – disponível em: corporaport.lettras.ufrj.br, contrastando seus resultados com os de Duarte (1995) para o PB e o PE.

Com foco no PB, Duarte e Rezende dos Reis (2018) atestaram, com os novos resultados, o avanço da mudança praticamente concluída para a 2ª pessoa nas três faixas etárias (estratificados como: os mais jovem [18-35 anos]; adultos [36-55 anos] e mais maduros [56-75 anos]) com índice baixo de sujeito nulo para a 2ª pessoa com 10% do total e a 1ª pessoa no mesmo caminho com 16%. Com relação à 3ª pessoa, podemos mencionar os resultados de Duarte (2019), que confirmam a mudança em tempo aparente, afirmando que há: “[...] uma redução [do sujeito nulo de 3ª pessoa] nas três faixas etárias, com 16%, 25% e 31%, com a faixa mais jovem liderando o curso da mudança.” (p.108).

Por outro lado, o PE exibiu, de acordo com a autora, com relação aos nulos de 3ª pessoa, 71%, 63%, 68% respectivamente. Ela não exibiu os resultados dos nulos de 1ª e 2ª pessoa, mas comenta que os índices de nulo nestas pessoas do discurso, como era esperado, foram altos. Podemos concluir que esta variedade é “um sistema estável nas três faixas, que privilegia o sujeito nulo, [...]. Curiosamente, são os mais jovens que revelam um índice levemente mais alto de sujeitos nulos de 3ª pessoa.” (p. 109).

Ora, de volta à variedade brasileira, se ela está passando por uma mudança paramétrica – nos termos de Tarallo (1987) e Duarte (1995) – ou seja, seu valor em relação ao PSN está se alterando, “efeitos colaterais” (efeitos provocados pela implementação gradativa de uma mudança no sistema) aparecerão. Um deles estaria na representação pronominal do sujeito de referência indeterminada na variedade brasileira, que segue o mesmo percurso dos de referência definida, com forte tendência ao preenchimento com estratégias nominativas alternativas.

Este é o resultado atestado por Duarte (1995; 2003) com base em dados da fala carioca “cultura” e “popular”, respectivamente. Os resultados apontam a forte preferência por formas pronominais nominativas expressas como *tu/ você, nós, a gente, eles*, baixíssimo uso do clítico *se*, além do aparecimento de um nulo genérico com o verbo na 3ª pessoa do singular, sem qualquer marca, para a representação do sujeito indeterminado.

Daí termos tantas contribuições da linguística moderna para o fenômeno da indeterminação: alguns estudos sincrônicos como os de (cf. Duarte (1995); Cavalcante (2007); Holmberg (2010); Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017); Sousa e Duarte (2018), Duarte (2019), Marins (2019)) e outros diacrônicos (cf. Cavalcante (1999), Vargas (2012) e Cardoso (2018)), para as variedades brasileira e portuguesa.

Seguindo uma direção oposta, temos a variedade lisboeta que se mostrou bastante estável em relação a um sistema de sujeito nulo “consistente”, com índices de sujeito nulo de referência definida superando amplamente os expressos, como atestado em Duarte (1995; 2019). Resultados sincrônicos para os sujeitos de referência indeterminada são atestados em Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017), Sousa e Duarte (2018 e no prelo), Duarte e Rezende dos Reis (2018) e Duarte (2019), evidenciando que seguem a mesma direção.

Análises mais refinadas do fenômeno da indeterminação apontam que as estratégias encontradas para a indeterminação não constituem um conjunto; pelo contrário, existem três pontos de variação entre as formas atestadas no português brasileiro e no português europeu, e certamente nas línguas em geral, que podem ser dispostas num contínuo. Essa descrição está bem delineada na proposta de feixes de traços estruturais de número e pessoa e de traços semânticos, de Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017) e Marins (2019), que caracterizam cada ponto do contínuo – além da proposta de Holmberg e Phimsawat (2017), menos detalhada, mas que considera igualmente três tipos de traços semânticos segundo a inclusão ou não do falante e do interlocutor, como veremos adiante (cf. seção 2.2.2).

É sob essa perspectiva que delimitamos o objeto de estudo desta pesquisa: analisar o fenômeno variável da indeterminação em uma variedade específica do PE insular (Funchal – Capital da Ilha da Madeira), contrastando os resultados com os obtidos para o PE continental (Oeiras e Cacém) e para o PB (Copacabana e Nova Iguaçu).

Como os resultados de Sousa e Duarte (2018) mostraram que o PE continental revelou resultados para a indeterminação compatíveis com os de uma língua de sujeito nulo consistente, decidimos olhar para a variedade insular, por ela apresentar traços bem

peculiares, com estruturas, algumas vezes, que se aproximam da variedade brasileira. Bazenga (2019) afirma que: “estudos realizados sobre fenómenos sintáticos variáveis – realização pronominal da função objeto direto, concordância verbal [...] entre outros – mostram uma preferência por usos não-padrão por parte de falantes madeirenses com poucos anos de escolaridade” (p. 727). Essas características também são fruto de sua própria construção histórica, conforme mostram seus outros trabalhos. A autora argumenta, baseada em Santos (1993), que:

“A ilha da Madeira, enquanto espaço alojado no meio do Atlântico, é um objeto situado, observável – a do território em si e a de sua relação com o mundo. Este duplo fenómeno constitui um rasgo da sua história. Manifesta-se pela dinâmica dos fluxos migratórios, no tempo, com a chegada de colonos, de escravos, comerciantes [...] e construtores de diásporas insulares nos espaços que os acolheram” (BAZENGA, 2018: p.4)

A autora comenta que, a partir desses fluxos migratórios, surge uma “comunidade insular complexa”, sobre a qual falaremos na seção a seguir. Dessa forma, este trabalho se encontra organizado da seguinte forma: no capítulo 1, faremos uma abordagem sócio-histórica e linguística de Funchal, e como as estratégias de indeterminação são tratadas, brevemente, na tradição gramatical. Feito isso, trataremos, no capítulo 2, dos pressupostos teórico que guiarão nossas análises (a união da Teoria da Variação e Mudança com a de Princípios e Parâmetros, além das propostas da linguística moderna para o tratamento dos sujeitos indeterminados com base Marins *et alii* (2017) – que se apoiam em Kroch (1994) para suas análise no que se refere, mais especificamente, dos dublês morfológicos - e Holmberg e Phimsawatt (2017)); o capítulo 3 tratará da metodologia, apresentando o corpus utilizado, a seleção dos grupos de fatores e as hipóteses a respeito da variedade funchalense, formulados a partir do quadro teórico que orienta a análise, e, finalmente, o capítulo 4 será dedicada à descrição dos resultados (analisando as estratégias em cada ponto do contínuo proposto por Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017) e Holmberg e Phimsalwat (2017) para Funchal, contrastando ao resultados com os encontrados por Sousa e Duarte (2018 e no prelo) para o PB e PE continental). Fecharemos a análise de resultados olhando para o caráter aspectual e modal do nulo genérico – estratégia que só acontece no PB.

Por fim, a partir dos resultados, serão feitas algumas considerações, no capítulo 5, sobre o comportamento do fenômeno na variedade insular do português europeu em relação ao PE continental e ao PB.

Capítulo 1 – Pontos iniciais

Neste primeiro capítulo, conheceremos um pouco sobre o povo funchalense, suas peculiaridades linguísticas, que algumas vezes se aproxima do PB, segundo Bazenga (2018; 2019), e como sua história refletiu no estágio em que esta comunidade linguística se encontra hoje. Já aqui, também pensaremos se os fatores sociais mencionados pela autora (em especial a faixa etária) atuarão sobre a forma de realização dos sujeitos indeterminados. A partir disso, discutiremos, brevemente, como este fenômeno é tratado na tradição gramatical e a evolução do conceito de indeterminação ao longo do tempo com a linguística moderna. Será a partir do que expusermos aqui no início que poderemos aprofundar o conceito de indeterminação nos pressupostos teóricos e atribuir explicações sociolinguísticas, ao longo da análise de resultados, sobre o comportamento deste tipo sujeito no PE insular.

1.1. Funchal: uma comunidade insular complexa

Bazenga (2018), em suas reflexões sobre a relação entre língua e identidade do povo madeirense, menciona que a cidade de Funchal seria, do ponto de vista linguístico, uma comunidade insular complexa. A isso, a autora atribui um tratamento histórico, explicando que, pelo fato de se tratar de uma população localizada em uma ilha que sofreu bastante fluxo migratório ao longo do tempo com a entrada, em seu território, de colonos escravos, comerciantes – como mencionamos – houve a formação de pequenas comunidades dentro da própria Ilha da Madeira com traços identitários bem peculiares.

Dessa forma, hoje em dia, pode-se pensar na Madeira como um espaço “no qual se fala um conjunto de variedades do PE, com características próprias, em descontinuidade [...] com variedades do português na metrópole ou Portugal continental” (p.11). Segundo a autora, os próprios madeirense têm consciência disto, o que pode ser percebido pelo comentário de

um dos falantes entrevistados: **“dentro do Funchal [...] dentro da Madeira há vários sotaques [...] eu acho que hoje em dia existe menos por causa da comunicação social uma certa ditadura da duma só forma de falar”** (p.11)

Em relação a essa diversidade - muitas vezes com marcas identitárias no plano fonético e lexical que são inexistentes na variedade continental do PE - conforme argumentam Brissos, Gillier e Saramago (2016) – podemos pensar que elas persistem até hoje na variedade urbana madeirense, por conta do grande fluxo turístico pelo qual passa a ilha. Bazenga (2019) descreve Funchal – capital da ilha da Madeira – como uma das cidades mais populosas fora de Portugal continental, com uma população de 100.000 habitantes. De acordo com ela, a descontinuidade com o continente faz com que esta comunidade tenha uma organização social diferenciada:

“À descontinuidade geográfica, definida pela fronteira natural atlântica, associam-se, assim, outras formas de organização social na comunidade urbana em foco, marcada por contrastes sociais, para os quais contribuem, entre variadíssimos fatores, os diferentes graus de contacto com a variedade padrão do PE, ou os níveis de escolaridade (básico, secundário e superior) [...] (BEZENGA, 2019; p.730)

Em relação a este último – o nível de escolaridade - a autora levanta a hipótese de ser um dos grandes fatores sociais, para a produção de estruturas não-padrão como “a realização variável da concordância verbal na terceira pessoa do plural (3PP), a variação entre *nós* e a *gente*, a variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais, a realização variável do objeto direto (OD) anafórico.” (p. 730).

E, se o nível de escolaridade influencia o uso de determinadas estruturas sintáticas, já podemos pensar sobre o fenômeno sintático que pretendemos investigar na fala funchalense: o sujeito de referência indeterminada. Será que o nível de escolaridade e a faixa-etária seriam fatores que influenciariam no uso de estratégias padrão em detrimento das não-padrão ou alternativas? Com certeza, esta será uma de nossas hipóteses sobre esta variedade. Na próxima seção, mostraremos o conceito de indeterminação do sujeito nas gramáticas tradicionais, aprofundando com descrições mais recentes.

1.2. O sujeito indeterminado na tradição gramatical

A tradição gramatical descreve o fenômeno da indeterminação do sujeito, levando em consideração apenas dois critérios: o semântico, como se nota em: “Sujeito indeterminado é o que não se nomeia ou por não se querer ou por não se saber fazê-lo.” (Bechara (1987:200)) ou “Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos, então, que o sujeito é indeterminado.” (Cunha & Cintra (2007: 128)), e o estrutural: que consiste no uso do verbo na terceira pessoa do plural, como ilustrado em **(3a)** - ou do verbo na terceira pessoa do singular com o clítico *se*, como se vê em **(3b)**:

- (3)** **a.** *Contaram-me*, quando eu era pequenina, a história duns naufragos, como nós. (Cunha & Cintra, 2007:128)
- b.** Ainda *se* vivia num mundo de certezas. (Cunha & Cintra, 2007:128)

Tal descrição, claramente inspirada no português europeu, não contempla formas pronominais de estratégias de indeterminação alternativas, como os pronomes nominativos expressos (o que é compreensível por se tratar de uma descrição da escrita normativa e inspirada na literatura de sincronias passadas), nem distingue as estratégias que necessariamente excluem o falante das que o incluem ou podem ou não incluir falante e interlocutor (uma distinção necessária e óbvia, mas nunca mencionada e que a linguística moderna tratou de descrever) com seus alcances discursivos possíveis.

Com a evolução dos estudos sobre a indeterminação do sujeito, novas propostas foram surgindo. Inicialmente, Holmberg (2010) as separou em dois grupos: as estratégias de referência arbitrária (que corresponderiam às estratégias com a 3ª. ps. pl. e o uso do clítico *se*) e as de referência genérica (que corresponderiam ao uso do *se*, descrito na tradição, além de outras formas que viriam a ser desenvolvidas na fala brasileira).

Por fim, anos depois, Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017) e Marins (2019) apresentaram uma proposta que inclui as estratégias representadas por *nós* e *a gente*, distribuindo-as em três grupos e não em apenas dois. Surge, em 2017, a proposta de Holmberg e Phimsawat, que igualmente consideram três pontos de indeterminação. Vejamos

em que consiste cada uma dessas propostas nos nossos pressupostos teóricos no próximo capítulo.

Capítulo 2 - Pressupostos Teóricos

Este capítulo apresenta o quadro teórico que sustenta esta pesquisa. Começamos pelo modelo de mudança – a Teoria da Variação e Mudança Linguística, mostrando brevemente em que consiste e as questões que ele coloca. Para pôr em prática este modelo, é necessária uma teoria gramatical/linguística, que nos forneça uma boa descrição do fenômeno gramatical em estudo. Como diz o título desta monografia, o fenômeno que nos interessa é a indeterminação do sujeito, aqui analisada à luz do Parâmetro do Sujeito Nulo. Assim, faremos em seguida, uma breve exposição dessa teoria e passaremos ao fenômeno da indeterminação a partir especialmente de Marins *et alii* (2017), entre outros. É a partir do que for apresentado aqui que construiremos a metodologia de trabalho, que orienta o levantamento dos grupos de fatores da pesquisa empírica, que será descrita no capítulo seguinte, bem como as hipóteses de trabalho.

2.1. A Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança (TVM), proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), rompeu com os modelos estruturalistas de se observar a língua, totalmente desvinculados de fatores sociais e por si só homogêneos, ao defender a heterogeneidade ordenada da língua: “se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, conforme acreditavam os estruturalistas da primeira metade do século XX, como as pessoas continuam a se comunicar durante os períodos de mudança da língua?” (p.100)

Eis aí um dos primeiros questionamentos que os autores queriam, na formulação desta teoria, para demonstrar que as línguas se mantinham estruturadas, durante o processo de mudança linguística - comprovando sua eficiência - enquanto os processos de mudanças se encaixam no sistema (sem que os falantes percebam).

Desta maneira, são elencados, dentro deste modelo de mudança, uma série de problemas que precisam ser respondidos durante a investigação de um fenômeno variável, como: a restrição, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação.

O **problema da restrição** busca fazer generalizações, a partir de princípios universais, sobre um dado fenômeno, com o objetivo de observar possíveis direções sobre a mudança linguística. Esse problema está ligado ao da implementação ou propagação da mudança – só observando os contextos estruturais e sociais levantados (ou restrições). É possível acompanhar a implementação da mudança, identificando contextos que grupos sociais facilitam ou retêm o progresso da mudança.

Já o **problema do encaixamento** corresponde a como um fenômeno de variação e mudança linguística se encaixa no sistema. Isto é, nenhum fenômeno linguístico deixa de ser resultado de mudanças anteriores, nem deixa de provocar outras mudanças no sistema, como uma teia, ou seja, uma mudança pode trazer consequências e gerar novas mudanças no sistema. Por exemplo, como vimos na introdução deste trabalho, a redução no paradigma flexional do PB ocasionou o preenchimento dos sujeitos de referência definida, conseqüentemente os indeterminados seguirão o mesmo caminho, conforme veremos nos resultados a seguir.

No entanto, uma mudança linguística não ocorre abruptamente; ela passa por estágios até a sua conclusão. É nesse momento que nos deparamos com mais um problema proposto por WL&H (2006 [1968]): o da **transição** que consiste em analisar como ocorre a propagação da mudança no sistema, quais seriam suas restrições linguísticas que mais prontamente favorecem a entrada de uma nova forma e quais a que a refreiam, e como progride a nova forma ao longo do tempo entre os diferentes grupos sociais.

Outro problema que pode mudar o percurso pelo qual passa a mudança linguística é o da **avaliação**. Este problema consiste justamente na avaliação (seja positiva ou negativa) que o falante atribui às variantes no sistema linguístico. A primeira está relacionada a eficiência comunicativa em relação as formas em variação, já a segunda seria a avaliação social, ligada ao prestígio ou desprestígio que aquela forma pode gerar. Muitas vezes, este prestígio social pode até acelerar ou “retardar”. Em alguns casos, a forma que sofre estigma, quando entra no sistema pode, em alguns casos, perder este estigma, à medida que seu uso aumenta, e superar sua forma concorrente.

Por último, temos o problema da **implementação**, que é o que nos motiva, enquanto pesquisadores, a elencar um conjunto de possíveis condicionadores linguísticos e sociais, para o levantamento de dados, com o objetivo de descrever e buscar possíveis respostas para o desencadeamento da mudança. Ele trata justamente da origem da mudança no sistema e sua propagação. Após a apresentação destes problemas, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) argumentam que estão apresentando um conjunto de fundamentos empírico que não pode faltar em nenhuma teoria.

Vale a pena ressaltar, mais uma vez, que é neste modelo de mudança que aparece pela primeira vez a vinculação entre língua e sociedade, diferentemente do que era feito, naquele mesmo período em que a TVM foi proposta, pelo modelo gerativista. Este, naqueles primeiros anos de desenvolvimento, de fato se interessava em descobrir princípios universais da gramática e identificar os parâmetros que permitiam a diferenciação entre línguas, bastando-lhe trabalhar com intuições do falante sobre a linguagem. Mais tarde, a Teoria Gerativa passaria a se interessar pela mudança e teria de trabalhar com dados reais. Para a TVM, ao contrário, o trabalho deve levar em consideração os contextos sociais da comunidade de fala analisada, ou seja, em pesquisas de cunho sociolinguístico não se deve analisar um falante ideal, nem a intuição do pesquisador, mas sim o grupo a que ele pertence, que em si é heterogêneo.

É preciso, entretanto, não esquecer que a TVM é um modelo para o estudo da mudança e não uma teoria gramatical/linguística, e, portanto, não pode ser posta em prática sem uma teoria gramatical – é o que mostra a primeira seção deste capítulo. Sem esse componente, nossa pesquisa não seria possível. Nesse sentido, nossa pergunta principal é: quais seriam as estratégias atestadas em Funchal para cada ponto do contínuo? Haveria competição entre formas em cada ponto? Fatores de natureza social atuariam nas escolhas em caso de variação? É o que responderemos após a análise de dados.

Finalizando esta seção, resumimos o que será levado em conta neste trabalho, no que diz respeito à TVM elencamos três problemas, para investigar o sujeito indeterminado na variedade funchalense – basicamente os mesmos utilizados por Sousa e Duarte (2018 e no prelo): **o da restrição; o do encaixamento e o da implementação**. O componente gramatical utilizado vem da proposta de Marins *et alii* (2017), sobre as estratégias de indeterminação; de modo mais amplo, nosso trabalho leva em conta pressupostos da Teoria de Princípios e

Parâmetros, inspirando-nos nos resultados atestados para o PE continental e para o PB, sistemas que se distinguem em relação à marcação do valor do PSN.

2.2. O Parâmetro do Sujeito Nulo

Se há a defesa de que o fenômeno de indeterminação do sujeito faz parte de um – como é dito na literatura - “efeito colateral” ocasionado por uma mudança em cadeia que foi se encaixando no PB, essa pode ser uma explicação para o fato de esta variedade seguir um caminho de mudança diferente do PE, por se tratar de uma mudança na marcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo, tal como descrito na Teoria de Princípios e Parâmetros. Para comentar brevemente sobre esta teoria, me baseio em Kenedy (2015).

A teoria de Princípios e Parâmetros (P&P), formulada a partir de Chomsky na década de 1980, postula que as línguas humanas têm princípios universais, sendo as variações entre elas atribuídas a parâmetros, marcados positiva ou negativamente em relação a esses princípios. No entanto, há um conceito importante dentro da teoria gerativa que precede esta teoria e que nos ajuda a compreender os P&Ps que é o de gramática universal.

De acordo com este conceito, todo ser humano é dotado geneticamente para adquirir uma linguagem, a partir do momento em que é exposto aos dados linguísticos. Isso ocorre, porque o cérebro seria dotado genes responsáveis pelo desenvolvimento linguístico do ser humano (seria uma disposição biológica). Esses genes responsáveis pelo desenvolvimento linguístico é que seria a Gramática Universal que correspondem ao estágio inicial do processo, antes mesmo de o indivíduo ser exposto a língua-E (a língua falada no ambiente do indivíduo).

E, para que esta gramática seja transformada em uma língua-I (capacidade mental de reconhecer e produzir infinitas expressões e discursos a partir do conjunto de regras adquiridos durante o processo de aquisição de linguagem) é necessário que ela seja estimulada, para que haja a retirada de informações necessária para a formatação de uma gramática específica de uma língua. É justamente aí que entra a teoria de P&Ps, que dá conta explicar essas diferente.

De acordo com esta teoria, a GU (estágio inicial) seria formada por dois conjuntos elementos: o primeiro corresponde aos princípios – que são leis gerais a que todas as línguas devem obedecer – e os parâmetros que são os valores fixados para uma dada língua. As

diferenças interlinguísticas ocorreriam em relação ao valor da marcação positiva ou negativa para um dado parâmetro, ou seja, a partir da experiência do falante com sua língua-E. Na seção a seguir, especificaremos o parâmetro que nos interessa para o fenômeno a ser analisado.

Inúmeros são os parâmetros, no entanto, para analisarmos o fenômeno da indeterminação do sujeito na variedade funchalense, nos concentraremos no Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Ele postula a ideia de que todas as línguas projetam uma posição argumental de sujeito gramatical, e a diferença estaria na marcação positiva [+Sujeito Nulo] ou negativa [-Sujeito Nulo], ou seja, haveria línguas em que o sujeito tem de ser obrigatório para não gerar agramaticalidade, como o inglês, por exemplo, enquanto haveria outras como o português, espanhol e o italiano que apresentariam a possibilidade de sua omissão. E, como as línguas naturais sofrem variação e mudam ao longo do tempo, de acordo com a TVM, é de se esperar que os valores dos parâmetros também sejam mudados.

Duarte (2018) aprofunda ainda mais esta discussão, mostrando as contribuições para o PSN – desde sua postulação na teoria P&P na versão da teoria de Regência e Ligação – Chomsky (1981) – que acabamos de comentar – até os dias atuais.

Inicialmente, a autora mostra que a primeira hipótese sobre o PSN estaria no fato de que “sistemas com uma morfologia verbal “rica” permitiriam a recuperação de um sujeito, não havendo, portanto, necessidade de realização fonética.” (p.30). Logo, o que se pode depreender desta hipótese é que línguas românicas como o espanhol e o italiano, por exemplo, que possuem desinências distintivas de número e pessoa, o sujeito nulo seria licenciado, só sendo pronunciado em caso de ênfase, nas palavras de Rizzi (1988), segundo a autora.

Em seguida, dando continuidade ao breve histórico, ela menciona do trabalho de Huang (1984) para a língua chinesa. E por quê? Porque, em sua pesquisa, esta autora chamou atenção para as ocorrências de sujeitos nulos nesta língua que não tem qualquer flexão, o que põe em “check” a hipótese inicialmente levantada.

A partir disso, Duarte (2018) explica que surgem novas hipóteses sobre o sujeito nulo, dos quais – seguindo a cronologia – menciona a de Jeaggli e Safir (1989), inspirados nas evidências apresentadas por Huang. Segundo esses autores, o que licenciaria o sujeito nulo não seriam seus paradigmas verbais “ricos”, e sim a “uniformidade morfológica dos paradigmas verbais” (p.31). E o que vem a ser isto? A autora explica, de acordo com os autores, que um paradigma é uniforme, se ele se constitui de formas derivadas, ou seja, com

desinências de número, pessoa, tempo, modo, aspecto, o que pode variar, ou de “formas não derivadas” (com, apenas, a presença do radical).

A essa hipótese, ela cita Roberts (1993) que, com base em seus estudos sobre o francês medieval, argumenta sobre:

“[...] a possibilidade de um paradigma funcionalmente rico atuar da mesma forma que um paradigma morfológicamente uniforme. Enquanto este prevê, ou apenas formas primitivas ou apenas formas derivadas, como referido anteriormente, aquele admite uma desinência zero e um sincretismo (formas iguais para designar diferentes pessoas gramaticais – que pode ser a própria desinência zero.” (Duarte *apud* Robert, 2018; p.31)

Dessa forma, a autora mostra que da década de 1990 até os anos 2000, muitos foram os trabalhos feitos, citando, por fim, em versões mais recentes sobre o sobre PSN, Robert e Holmberg (2010), que fazem uma divisão das línguas em relação a esse parâmetro, segundo os valores que estas línguas compartilham, da seguinte forma: línguas de sujeito nulo consistente (apresentam propriedades típicas de um sujeito nulo em todos os contextos) como o espanhol, o italiano e o PE; as línguas de sujeito nulo radical (que licenciam o sujeito nulo se licenciado pelo tópico discursivo, apesar de não terem marcas flexionais que os identifiquem) como o chinês e o japonês; as línguas de sujeito nulo expletivo, como o inglês e o francês; as línguas de sujeito nulo “parcial” como o finlandês, o Tailandês e, “presumivelmente” o PB (que licenciam o sujeito nulo em contextos muito restritos.).

Por último, será, a partir da união destas duas teorias – conhecida na literatura como Sociolinguística Paramétrica - que analisaremos o fenômeno de indeterminação no PE insular, contrastando, brevemente, com os resultados apresentados em Sousa e Duarte (2018) para o PB e o PE continental. Vejamos, na próxima seção, como a linguística moderna descreve, não somente as estratégias tradicionais de indeterminação do sujeito, mas as formas nominativas alternativas.

2.2.1. As estratégias de indeterminação segundo Marins *et alii*

Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017) e Marins (2019) revisitaram os dados da fala carioca apresentados em Duarte (1995), com base em amostra gravada em 1992, fazendo um refinamento dos dados de sujeitos indeterminados levantados pela autora. De acordo com os autores, como já foi mencionado, estas estratégias não estariam em competição

em um grande conjunto, mas distribuídas em um contínuo (dos mais arbitrários aos mais genéricos) em três grupos, de acordo com os traços de **número e pessoa e traços semânticos** que compartilham, em cada ponto.

Duarte (1995) tinha como objetivo observar as estratégias de indeterminação com o único objetivo: o de verificar se haveria uma tendência ao uso de formas pronomiais plenas, acompanhando a mudança na representação dos sujeitos de referência definida. Já o de Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017) e Marins (2019) era: “estabelecer um gradiente entre as possíveis estratégias de “indeterminação” do sujeito, mostrando que elas não estão em variação, mas se especializaram no sistema para indicar referência arbitrária e diferentes graus de referência genérica, [...]. (Marins 2019: 64).

Em um extremo da escala, temos as estratégias de referência arbitrária, que, segundo Marins (2019), correspondem ao feixe de traços [+3ª pessoa/+plural] e dão: “[...] conta dos sujeitos que, embora não possam ser determinados discursivamente, correspondem a um conjunto finito.” (p. 65). Neste grupo estão a 3ª. ps. pl, já em variação no PB com sua forma nula ou plena, o clítico *se* e uma categoria vazia com o verbo na 3ª pessoa do singular que chamamos aqui de *zero*, ou nulo genérico, conforme ilustraremos em (4), com os exemplos retirados de Sousa e Duarte (2018 e no prelo) a seguir³:

- (4) a. Aí não sei o que aconteceu com os assaltantes e eles sumiram... **Ø avisaram** lá em cima que tava tendo uma onda de assaltos... e eles sumiram. (COPACABANA)
- b. aí no meu caso no meu THE **eles** deram uma música... e **Ø marcaram** várias palavras... aí faça um desenho... relacionado a essa música que tenha... (COPACABANA)
- c. uma liberdade pro povo...NÃO...**se criou** simplesmente uma coisa.. (NOVA IGUAÇU)
- d. olha... na televisão **Ø fala** muito isso né? eu não conheço ninguém que tenha passado por isso... (NOVA IGUAÇU)

3 Apresentamos exemplos do PB – primeiramente – por esta variedade mostrar um leque maior de possibilidades para a indeterminação - ao contrário da variedade europeia, conforme veremos nos resultados para Funchal e PE continental - e foram os mesmos apresentados nos trabalhos de Sousa e Duarte (2018 e no prelo) e Duarte (2019).

Como podemos notar nos exemplos acima, embora excluam o falante e o interlocutor, as estratégias utilizadas se referem discursivamente a um grupo mais restrito: no exemplo (4a), não sabemos quem foram as pessoas que avisaram “lá em cima”, mas sabemos que se trata, discursivamente, de algum morador (ou alguns moradores) que mora no morro onde o assaltante vive. O mesmo ocorre no exemplo (4b), não sabemos quais foram as pessoas que marcaram as palavras na prova, mas inferimos que podem ser as pessoas que compõem a banca da prova, um grupo igualmente de referência limitada. Em (4c) e (4d), fica evidente que não podemos precisar o número de indivíduos que criam ou falam sobre alguma coisa, mas não é um grupo ilimitado de pessoas.

No ponto intermediário do contínuo, estariam o grupo das estratégias que compartilham o feixe de traços [+1ª pessoa/+plural], que, segundo Marins (2019), veiculam referência genérica; embora eles incluam o falante, e não necessariamente o interlocutor, isso é o que faz com que estes sujeitos sejam um pouco mais específicos, apesar de se aplicar a uma “infinidade de entes”: são representados pelos pronomes *nós* e *a gente*, conforme podemos ver nos exemplos em (5):

- (5) a. **a gente não vê** uns profissionais... tão bons... né... **a gente vê** que o pessoal é formado meio que nas coxas aí:... e a gente vê professores de português, professores falando de forma errada né... (NOVA IGUAÇU)
- b. se **a gente for pensar** dessa forma, tem tudo quanto é lugar lá (NOVA IGUAÇU)
- c. infelizmente **nós somos** americanizados... **Ø não damos** valor aquilo que **nós temos** (COPACABANA)

Conforme notamos nos exemplos (5a) e (5b), com o pronome *a gente* (ou seja, “eu” posso ver os profissionais “formado nas coxas” e pensar dessa forma, “você” pode não necessariamente ver e pensar) e o *nós* – (5c) (“eu” não dou valor, mas você pode ou não dar).

Por fim, no outro extremo da escala, também há os sujeitos de referência genérica, grupo compartilham os traços de [+3ª pessoa/+singular] e apresentam uma diferença semântica, que a autora define como: “correspondente àqueles cuja referência, além de não poder ser determinada pelo texto/ discurso, é ilimitada, no sentido ser aplicada a um conjunto

infinito”, podendo incluir ou não o falante e o interlocutor (p. 66). Estes sujeitos seriam bem mais genéricos em relação ao grupo que acabamos de ver no parágrafo anterior e justamente por ter uma referência ilimitada é que ela pode incluir ou não o falante. As estratégias dentro deste grupo são representadas pelo pronomes *tu* e *você*, ambos preferencialmente expressos no PB; o clítico *se*, e o que nomeamos de zero, nos parágrafos anteriores, porém com a referência genérica. Apresentamos, em (6), os exemplos:

- (6) a. **Você** passa daqui pro Guanabara **você** vê... **você** é obrigado a andar na rua... e o camelô bota a barraca na calçada... Que país é esse/ Onde que já se viu um negócio desse, cara?... eu acho o fim do mundo isso... as calçadas tudo em má conservação... as pessoas tem que... olha, **tu** sai daqui pra lá... **tu** não vê uma calçada boa... calçada tudo irregular... tem pessoas idosas andando pela rua ainda. (NOVA IGUAÇU)
- b. quando **se** fala de crise, essa crise não é pa todos (NOVA IGUAÇU)
- c. É o que eu tou falando \emptyset tá precisando de políticos mais sérios que ao invés de pensar em ganhar dinheiro deveriam pensar mais em educação... (NOVA IGUAÇU)

Nos exemplos (6a), (6b) e (6c) qualquer pessoa que passa daqui para o supermercado Guanabara de Nova Iguaçu se vê obrigada a passar pela rua e a vê em má conservação (posso estar incluído ou não). O mesmo cabe para (6b) e (6c), qualquer um nota que a crise não é para todos e todos, hoje em dia, veem que precisamos de políticos mais sérios que pensem na educação e não somente em ganhar dinheiro.

Ao fazerem a definição em cada ponto do contínuo, Marins, Soares da Silva e Duarte (2015; 2017) concluem, a partir dos resultados e do refinamento dos dados de Duarte (1995), que estas estratégias de indeterminação, por conta da competição, acabariam por se resolver com a vitória de uma estratégia em cada ponto do contínuo.

Para esta afirmação, os autores se apoiam na proposta de Kroch (1994), segundo o qual dublês morfológicos, ou seja, formas idênticas que cumpram a mesma função, não permanecem no sistema. De acordo com ele, haveria no sistema um “Blocking Effect” ou “Efeito bloqueador”⁴, cujo principal objetivo consistirá no bloqueio da forma já presente na língua pela forma inovadora alternativa, ou seja, uma forma tende a sair vitoriosa. Por

4 Efeito que impede que essas duas formas cumpram a mesma função no sistema linguístico.

exemplos, no caso dos sujeitos indeterminados na variedade brasileira, mais especificamente, a vitória seria em favor de formas pronominais expressas, seguindo os sujeitos de referência definida.

Como em uma língua não pode haver duplês morfológicos ou estratégias que cumpram a mesma função no sistema linguístico, de acordo com o autor, geralmente, uma das formas que se encontram em competição, por cumprir a mesma função no sistema, tende a se perder ou se especializar na língua de uma outra forma. Podemos citar, como exemplo prático do PB, o caso do pronome *nós* em competição com a forma irregular e gramaticalizada *a gente*⁵. Estudos diversos, além de resultados preliminares que apresentamos no capítulo 4, o segundo praticamente já venceu a competição, tanto para referência definida quanto genérica semi-inclusiva, e o primeiro estaria se especializando no sistema, como ilustramos a seguir com seu uso junto de numerais, impossível com a forma vitoriosa *a gente*:

(7) a. Como é linda a história de *nós* dois.

b. Como é linda a história de *a gente* dois.*

Marins *et alii* (2017) distribuem os seus resultados por faixa etária, segundo os três grupos: o grupo 1, com os mais jovens, entre 25 – 35 anos; o grupo 2, com falantes entre 36 – 55 anos e o grupo mais velho, com idade acima de 56 anos. Em único gráfico, começaram a mostrar resultados para as estratégias tidas como padrão, o pronome *eles* e o clítico *se*, as que eles consideram como tendo referência arbitrária e com traços [+3ª. ps. / pl.]. Eles encontraram 105 dados para a 3ª ps. pl. na amostra (incluindo nulo e pleno) e apenas 6 dados de clíticos arbitrários.

Ao distribuírem pelas faixa etárias, os autores obtiveram, para a 3ª pessoa do plural, 14%, 25% e 35%, do grupo mais velho a mais jovem, uma variação estável. Os raros clíticos encontrados apareceram na fala do grupo mais velho (1 dado) e na fala do grupo intermediário (5 dados). Na faixa mais jovem nenhum clítico arbitrário foi atestado. Quanto ao zero arbitrário, não foram mostrados resultados pelos autores, porque o número de ocorrências foi muito pequeno na amostra analisada.

5 E veremos que a forma pronominal *a gente* já praticamente ganhou a competição com relação à indeterminação no PB.

Com relação às estratégias [+1^a.p / pl.] – com referência genérica, que se encontram no ponto intermediário mais especificamente, como acabamos de ver, Marins *et alii* (2017) mostra que o pronome pleno *a gente* já está com 96%, 72% e 78%, da faixa etária dos mais jovens (a que mais preencheu com esta estratégia) aos mais velhos, respectivamente – substituindo o pronome *nós* – 4%, 28% e 22%.

Finalmente, no outro extremo, para a referência genérica, os autores mostram que no grupo das estratégias com o traço [+3^a.p / sg.], o pronome *você* exibe 95%, 91%, 55% para a 1^a, a 2^a e 3^a faixas etárias respectivamente, mostrando claramente a implementação do *você*. O clítico *se*, com a referência genérica, revelou 24 (73%) ocorrências na fala dos mais velhos, 7 (21%), na fala do grupo intermediário e 2 (6%) ocorrências entre os mais jovens, uma clara evidência de mudança quase concluída. Em relação ao nulo genérico (ou zero), os autores encontram 24% na faixa etária mais velha e 3% e 4% nas mais jovens, o que não sinaliza mudança em curso. Tanto o clítico quanto o nulo genérico parecem ter um declínio com relação ao uso, à medida que olhamos para as faixas etárias mais jovens, conforme foi ilustrado no gráfico em tempo aparente dos autores.

Ao refletirem sobre estes resultados, os autores projetam possíveis estágios de mudança no PB, através de dois diagramas: o primeiro mostrando o estágio anterior à entrada do nulo arbitrário e genérico (aqui referidos como zero), e do pronome *a gente*, do *você/tu* genéricos; o segundo, incluindo o aparecimento dessas estratégias, que exibe a competição instalada nos três pontos do contínuo, conforme expomos abaixo:

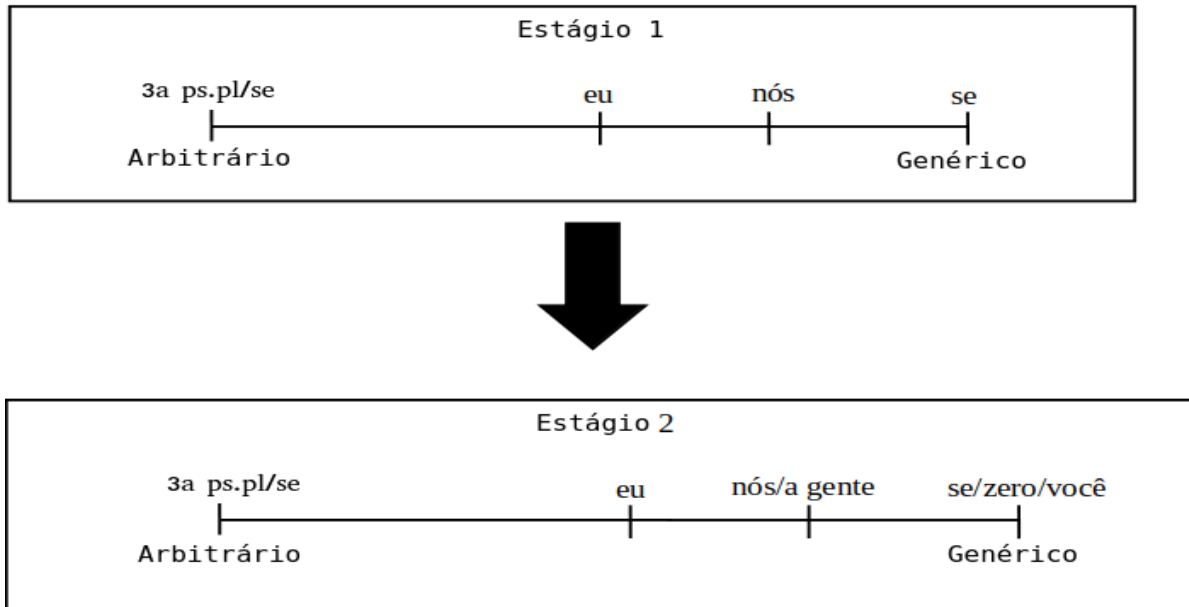


Diagrama 1: Mudança na representação do sujeito indeterminado em dois estágios, segundo Marins *et alii* (2015; 2017)

Como podemos ver, em um primeiro estágio, cada ponto exibe uma estratégia (o uso de *eu*, muito raro na amostra, fica aqui num ponto menos genérico do que *nós*). Com base nos dados de Duarte (1995), os autores mostram que, com a entrada das estratégias inovadoras (*você*, *a gente* e *zero* arbitrário e genérico) no sistema, temos o estágio 2, em que se instalam três pontos de competição dentro de cada grupo. Segundo eles, pode ser que, no futuro, o PB, possa voltar a ter um quadro pronominal reduzido, por força do Blocking Effect, para a indeterminação, como eles expõem no diagrama 2, que apresentamos a seguir:

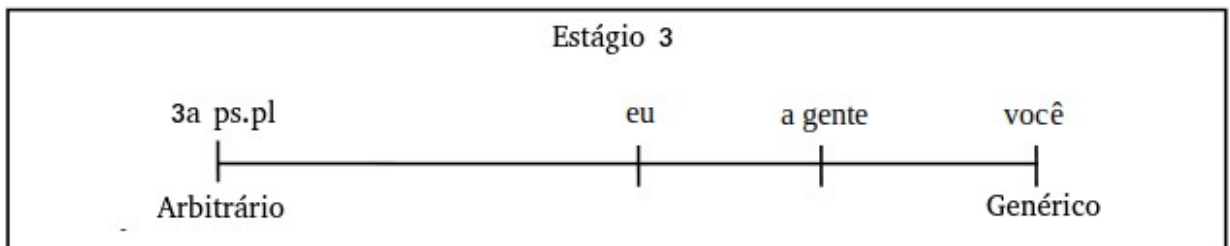


Diagrama 2: Formas de indeterminação de sujeito no futuro no PB, segundo Marins *et alii* (2015; 2017)

Retomaremos a proposta dos autores ao longo da descrição dos resultados, evidenciando, no contraste que faremos entre Funchal com o PB e PE continental, em que estágios se encontra cada uma dessas variedades, principalmente a insular. Mas, para partirmos para os resultados, combinaremos os feixes de traços propostos por Marins *et alii* (2017) e Marins (2019) com a proposta de Holmberg e Phinsawat (2017).

2.2.2. As Estratégias de indeterminação segundo Holmberg e Phinsawat (2017)

Holmberg, depois de seu trabalho em 2010 sobre os sujeitos indeterminados, em que faz a divisão dos mesmos em arbitrários e genéricos, continuou sua investigação em torno do fenômeno da indeterminação, dessa vez ao lado de Phinsawat, que continua investigando o mesmo fenômeno no Tailandês. Holmberg e Phinsawat (2017), ao realizarem o trabalho sobre construções genéricas inclusivas (construções de indeterminação de referência inclusiva, que corresponde aquelas situadas ao extremo direito do contínuo proposto por Marins *et alii* (2017)), focando em línguas cujo pronome genérico pode ser um nulo, partem da hipótese de Phinsawat (2011) de que pronomes genéricos de referência inclusiva não seriam dotado de traço-phi (traço responsável pela concordância em línguas flexionais), isso dentro do Programa Minimalista – Chomsky (2014 [1993]). E, se não são dotados deste traço, não haveria uma restrição com relação ao uso.

Dessa forma, o objetivo de seu trabalho é mostrar que a hipótese do autor tailandês não se confirma totalmente, já que há sim uma relação entre a presença de concordância e uma restrição à referência humana nas estratégias de referência inclusiva. Para esta comprovação, eles comparam os sujeitos de referência indeterminada em línguas ricamente flexionais (PB, finlandês e hebraico) com os de língua não flexionais (tailandês, mandarim e chinês).

No entanto, deixemos claro que não problematizaremos ainda mais o trabalho feito pelos autores, uma vez que, para este trabalho, somente nos interessa a definição semântica que eles atribuem às diferentes estratégias de indeterminação (das tradicionais às alternativas). Eles as definem da seguinte forma: os **arbitrários de referência exclusiva**, que excluem o falante e o interlocutor representados pelos pronomes eles (pleno e nulo), o *clítico* e o *zero*, no caso do PB.

Já os **pronomes de genéricos referência semi-inclusiva** incluem o falante, mas não necessariamente o interlocutor e são representados pelos pronomes *nós* e *a gente*, correspondendo aos do ponto intermediário do contínuo com traços [+1^a.p / pl.], segundo Marins *et alii* (2017).

Por último, há os **pronomes genéricos de referência inclusiva** são as que, semanticamente, podem incluir ou não o falante e podem ser representados pelas formas de 1^a e 2^a pessoa (*eu, tu/você*), além conter traços inerentemente humanos, as que vimos na seção anterior como contendo traços de [+3^a. p / sg.]. Ao unirmos as duas propostas, podemos realizar o mapeamento das estratégias de referência indeterminada no PE insular, da mesma forma que Sousa e Duarte (2018 e no prelo).

Capítulo 3 – Refinando objetivos e hipóteses e Metodologia de trabalho

3.1. Objetivos e hipóteses

O objetivo deste trabalho, além de contribuir para os estudos sobre os sujeitos indeterminados, é trazer uma análise das estratégias de indeterminação atestadas no PE insular, representado por Funchal, capital de Ilha da Madeira, para **(1)** contrastá-los - com os resultados obtidos por Sousa e Duarte (2018) para o PE continental e o PB, com base em amostras recentemente gravadas das variedades de Funchal, Rio de Janeiro, Lisboa e Funchal, pelo Projeto *Estudo comparativo de variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*, ao longo de 2009-2010, disponível em (www.corporaport.ufrj.br) e **(2)** verificar se a faixa etária influenciará na escolha de uma estratégia em detrimento de outra ou não, mantendo uma estabilidade.

Ao unir estas propostas – a de Marins *et alii*. (2015; 2017), Marins (2019) à de Holmberg e Phinsawat (2017), que se complementam, observaremos o comportamento das estratégias de indeterminação em cada ponto do contínuo nesta variedade.

Com base no quadro teórico aqui descrito e em resultados preliminares, levantamos as seguintes hipóteses para a variedade insular do PE:

- (a) a variedade insular se aproximará do PE continental, exibindo as estratégias tradicionalmente descritas além das semi-inclusivas, com preferência pela 1ª. ps. pl. nula, não incluídas nessas descrições.
- (b) as formas nominativas serão preferencialmente nulas.
- (c) o nulo genérico não será atestado nessa variedade
- (d) a faixa-etária não influenciará o uso das estratégias de indeterminação

3.2. A Metodologia

3.2.1. A amostra

A amostra que permitiu a análise pertence Projeto *CORPORAPORT: Estudo comparativo de variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*, disponíveis em (www.corporaport.ufrj.br) gravadas entre 2009-2010, em duas localidades do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu), duas de Lisboa (Oeiras e Cacém) e uma da Ilha da Madeira (Funchal). Cada entrevista contém um total de 18 informante, distribuídos segundo o grau de escolaridade, gênero e faixa etária. No total foram analisados um total de 90 entrevista, sendo 18 só de Funchal, nosso foco.

Não consideramos, em nossa análise, assim como foi feito para o PB e o PE continental, expressões cristalizadas como vemos em **(8a, b)** – que nos parecem revelar uma assimilação do clítico *se* (como em *diz-se que*):

- (8) a. comigo não, mas **diz que** a água é um gelo - - pronto (Oeiras)
- b. e então está lá o edifício, **diz que** ia para um centro de saúde (Cacém)

A seguir, apresentamos os grupos de fatores que nos auxiliou no levantamento de dados.

3.2.2. Grupos de fatores

Baseado no arcabouço teórico (para análise e descrição dos resultados), objetivos e levantamento de hipóteses sobre o fenômeno em questão, foram elencados 11 grupos de fatores, oito de natureza linguística e três de ordem social (gênero, faixa etária e nível de escolaridade). Na análise, serão apresentados os resultados para a distribuição das estratégias em cada ponto no contínuo, sua forma (nula ou expressa, no caso de pronomes nominativos), além da possível influência dos fatores sociais, particularmente as três faixas etárias, que podem sinalizar mudança em tempo aparente. Como trataremos de estratégias que têm apenas uma forma de realização, como o clítico e o nulo arbitrário e genérico, não faremos uma rodada para obter pesos relativos. Em outra etapa deste trabalho, poderemos fazer uma rodada apenas com as formas pronominais em cada ponto do contínuo, caso os resultados da distribuição sugiram sua relevância. A seguir, apresentamos os grupo de fatores levados em conta na análise, sempre justificando.

Variável dependente 1

[+3^aps /+pl] – estratégias exclusivas

Eles

Se

Nulo arbitrário (zero)

Variável dependente 2

[+1^a ps./+pl.] – estratégias semi-inclusivas

Nós

A gente

Variável dependente 3

[+3^a ps./+sg] – estratégias inclusivas

Tu

Você

Se

Nulo genérico (zero)

Nossas três variáveis dependentes (fruto da união das propostas que acabamos de expor) têm como objetivo verificar quais das estratégias pronominais são as mais utilizadas pelo PE insular, em cada ponto do contínuo, observando se esta se aproximará da variedade continental, como se vê em **(9)** ou afastando-se do PB, como ilustramos em **(10)**:

- (9)** Quanto aos animais eu acho que sim português tá muito atrasado na maneira como trata os animais eh eh até nem **se dá** importância a isso é como se fosse um assunto menor_aqui por exemplo no funchal **vê-se** muitos cães abandonados e sabe-se de histórias de pessoas que abandonaram (FUNCHAL)
- (10)** quando **você** tem um pouquinho de paz... um pouquinho de tranquilidade no bairro ... **você** consegue chegar de madrugada ...**você** cria seus filhos...**você**... tem uma casa que **você** fique tranquilo que **você** durma com as portas abertas... e NUNCA **você** foi assaltado... (NOVA IGUAÇU)

Variáveis independentes

Grupo 1: Formas de realização das estratégias nominativas

nulo
pleno

Este fator servirá para comprovar nossa hipótese de que o PE insular terá uma forte preferência, assim como o PE continental, por estratégias de indeterminação nulas, assim como descreve a tradição gramatical. Tal hipótese, se comprovada, mostrará como PB se distacia desta variedade, evidenciando a mudança em curso em relação ao PSN. Para diferenciar as estratégias nulas do nulo genérico – zero – e os clíticos (exclusivos e inclusivos) criamos um fator a parte (caso de não se aplica), da mesma forma foi feita para o clítico (que sempre será preenchido), para não misturar com as estratégias plenas.

Grupo 2: Aspecto

Aspecto Imperfectivo [Noção de ação incompleta/ não concluída e se estende até o presente momento.]

Em seu texto, Marins (2019) argumentou, ao falar sobre a diferença entre o clítico *se* (inclusivo e exclusivo) e o **zero** (inclusivo e exclusivo), que o **clítico** com referência arbitrária (exclusiva) veicularia aspecto perfectivo, diferentemente do genérico (inclusivo) que veicularia aspecto imperfectivo; o mesmo se aplicaria à estratégia que a literatura chama de *nulo* (*zero*). Assim, baseamo-nos nas nomenclaturas de Comrie (1976) para a criação do grupo de fatores relativo ao aspecto, para verificar o comportamento somente da estratégia zero, já levantados por Sousa e Duarte (2018 e no prelo), diante deste fator no PB:

(11) hoje em dia **vê-se** às vezes aí cada coisa muito complicada são situações muito complicadas graças a deus eu como o meu irmão tivemos a mesma educação (Funchal)

Aspecto Perfectivo [Noção de ação que iniciou, se desenvolveu e terminou no passado].

(12) aqui na Madeira sempre **se viveu** uma cultura intensa e as pessoas e principalmente aqui no Funchal sempre foi um pólo cultural (Funchal)

Grupo 3: Modalidade

Modalidade deôntica [Expressam dever, necessidade, obrigação, proibição]

Com base em resultados preliminares, verificamos que os verbos modais e transitivos diretos, em sua maioria, se encontram no presente no indicativo (como não há marcas morfológicas, eles podem veicular aspecto perfectivo e imperfectivo). Dessa forma, criamos o grupo de fator modalidade, com base nas nomenclaturas de Raposo *et alii* (2013): deônticas (13) e epistêmicas (14), com o intuito de, assim como faremos com o zero diante do fator aspecto no PB, faremos o mesmo com esta estratégia diante deste grupo de fator.

(13) um pesadelo pode até ser um sinal de alguma coisa que **nós temos que evitar** (FUNCHAL)

Modalidade epistêmica [Expressão uma avaliação, opinião ou conselho do falante]

- (14) em vez de abrirem tantas estradas **se deviam abrir** era sim creches para as pessoas mais necessitadas e um lar de idosos (Funchal)

Finalmente, dentre os 4 grupos de fatores de cunho social, contemplamos 3:

Grupo 4: Faixa etária

Jovens [21 – 34 anos]

Médio [35 – 56 anos]

Idosos [56 – 85 anos]

Grupo 5: Nível de escolaridade

Fundamental

Médio

Superior

Grupo 6: Gênero

Homem

Mulher

Os dados serão codificados seguindo a metodologia variacionista (Braga e Mollica, 2003) e processados utilizando o programa estatístico Goldvarb X (Sankoff, Smith e Tagliamonte, 2005).

Capítulo 4 – Análise dos resultados

Apoiado no que expusemos nos pressupostos teóricos (cf. capítulo 2), a união da TVM com a teoria gramatical de P&Ps, além da combinação das propostas da linguística moderna para o tratamento das estratégias de indeterminação do sujeito, este capítulo se deterá a leitura dos resultados desta pesquisa com o objetivo de responder as nossas hipóteses iniciais (cf.

capítulo 3), mapeando as estratégias de indeterminação que mais ocorrem na variedade insular do PE em cada ponto do contínuo e contrastando os resultados com os já obtido por Sousa e Duarte (2018 e no prelo) para as variedades do PE continental e do PB.

4.1 – Distribuição geral

A amostra do PE insular totalizou 470 dados de indeterminação. Na fig.1, distribuímos as estratégias de indeterminação de acordo com sua referência proposta por Holmberg e Phimsawat (2017), com o intuito de mostrar que a distribuição nos três pontos do contínuo foi bastante equilibrada:

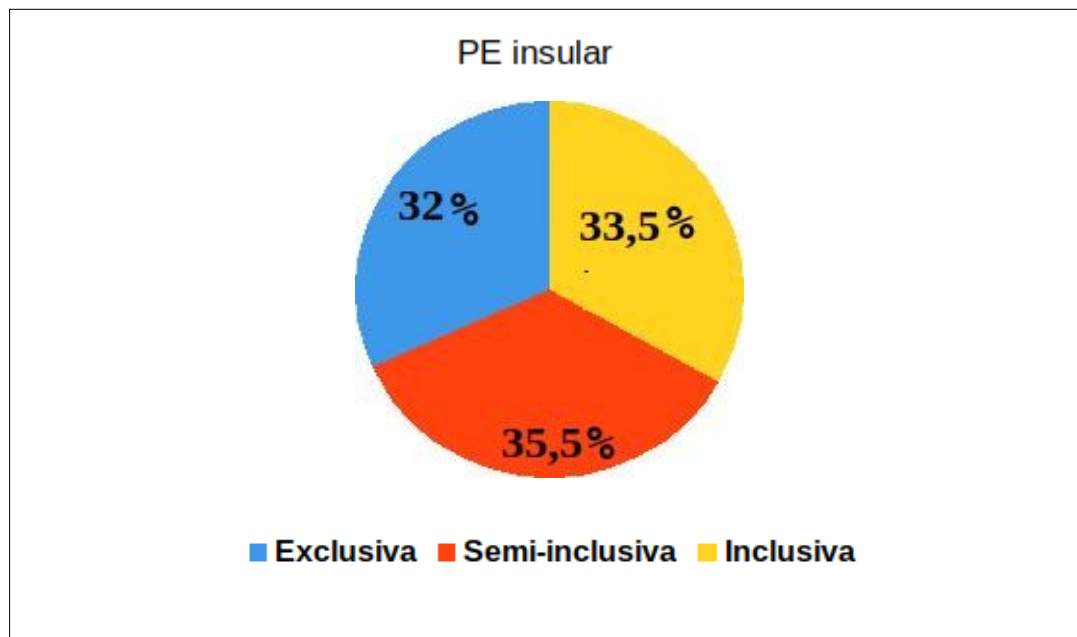


Fig. 1. Distribuição das estratégias de indeterminação segundo a referência semântica em Funchal

Vejamos, nas próximas seções, o comportamento das estratégias indeterminadas ao longo das entrevistas através dos resultados, em cada ponto do contínuo, sempre justificando e exemplificando. Com isso, poderemos verificar se nossas hipóteses se confirmam.

4.1.1. As estratégias exclusivas caracterizadas pelos traços de [+3ª pessoa /+plural]

Como foi dito na seção anterior (cf. seção 2.2.1), as estratégias de referência exclusiva são as que compartilham os traços de [+3ª. pessoa/+plural], excluindo o falante e o interlocutor – e estão presentes em todos os compêndios gramaticais tradicionais que tratam desse sujeito, caracterizados pelo uso do clítico *se* e pelo verbo na 3ª. ps.pl. com o sujeito nulo. Reapresentamos aqui o comentário de Marins (2019), que afirma que estas estratégias – a que a autora, com base em Homberg (2005) se refere como de referência arbitrária – tem como referentes entidades que, “[...] embora não possam ser determinados discursivamente, correspondem a um conjunto finito” (p. 65; grifo meu). Vejamos os exemplos de Funchal ilustrados em (15):

- (15) a. Sim, já trabalhava no governo, como **Ø estavam a precisar** duma pessoa pa fazer limpeza antão eu entrei a partir dos dezassete anos. (FUNCHAL)
- b. Sim, aqui, na Madeira, foi muito isso também_porque agora não há dinheiro mas há muitas estradas e muitos túneis mas as estradas e os túneis não dão de comer a ninguém_nem dão emprego a ninguém eh facilitam a deslocação para quem mora mais afastado do Funchal ou pa quem quer sair do Funchal mas_o desenvolvimento sustentável que **se vendeu** a ideia durante muitas décadas muito tempo que é uma coisa que **se fala** muito não existe_não **se investe** naquilo naquilo que vai dar que vai produzir depois de se investir e isso é o problema. (FUNCHAL)
- c. Antigamente na missa do galo antes da meia-noite vinha o anje [anjo] anunciar e depois à [é] que dava a missa agora ah **eles fazem** tudo diferente. (FUNCHAL)

Em (15a), por exemplo, podemos verificar que, embora não saibamos que são as pessoas que precisam de outras para fazer limpeza, podemos inferir que alguém que trabalha no governo precisa deste tipo de funcionário. O mesmo ocorre em (15b): não sabemos quem vendeu e quem falou, mas podemos interpretar como pessoas (um númeroo limitado) que administram Funchal vendeu uma ideia, prometeu muito, mas não fez os investimentos prometidos. Da mesma forma que em (15c), não sabemos quem são as pessoas que realizam a

missa do galo, mas inferimos que se refere a um grupo limitado de pessoas, certamente da igreja, que organiza a missa.

Do total de 470 dados de indeterminação encontrados para a variedade insular, 32% (149 dados) correspondem a essa estratégia. Na figura a seguir, verificamos como ficou a distribuição das estratégias em Funchal (PEI) e no PE Continental (PEC).

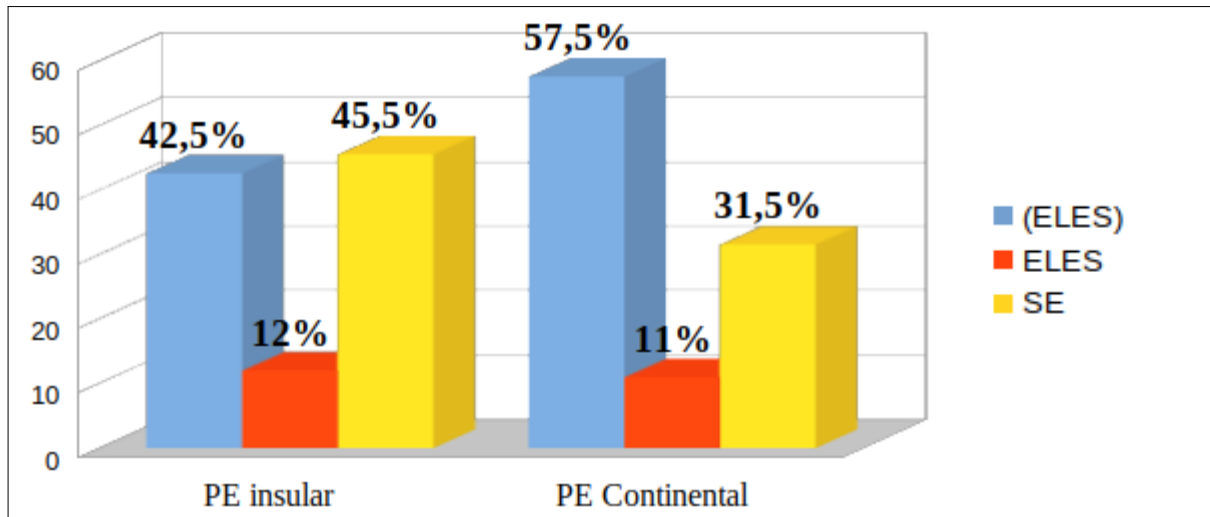


Fig.2 Estratégias de referência exclusiva no PE insular e PE continental

Nas duas variedades, notamos o predomínio do pronome nulo, com verbo na 3ª ps. pl., o que já era esperado para uma língua de sujeito nulo “consistente”, utilizando os termos de Roberts e Holmberg (2010) detalhados anteriormente (cf. seção 2.2), enquanto o pronome expresso alcança 12% para a variedade insular e 11% para a continental. A segunda estratégia, em competição com a 3ª ps. pl. é o clítico *se*, que, no entanto, apresentam índices bem próximos ao verbo na 3ª ps. pl.; no PE continental, por outro lado, há uma significativa diferença de 26% em favor da 3ª ps. pl. Isso pode ser uma simples questão de distribuição dos dados, mas fica evidente que o clítico continua robusto no PE insular.

No PE continental, ao contrário, o sujeito nulo de 3ª ps. pl. é preferido (57,5%), sendo baixa sua realização fonética; a forma concorrente é o uso do clítico com 31,5%. Outros exemplos são apresentados para mostrar essa competição.

- (16) a. certo_ a nível de hospitais, \emptyset **deviam** / **se devia** daver [de haver] mais um hospital novo_ como **queriam** / **queria-se** fazer e na_ na [não] fazem_ não sei porquê! (FUNCHAL)
- b. é que infelizmente, na Madeira, ainda **se continua** / \emptyset **continuam** a pensar que o jogador estrangeiro é melhor que o madeirense (FUNCHAL)
- c. mas para isso era era era necessário que que que **se construíssem** / \emptyset **construíssem** parques silos (FUNCHAL)

Dessa forma, vemos que nesse sentido, ambas as variedades se aproximam. E, quando comparamos os resultados no gráfico acima com o seguinte, para o PB, vemos outro cenário: apenas o pronome *eles* – o expresso com 36,5% alcançando o nulo com 51%, em forte competição – se apresenta como representantes legítimos dessa estratégia. O clítico *se* está em extinção e o nulo exclusivo (zero) aparece com 9%.

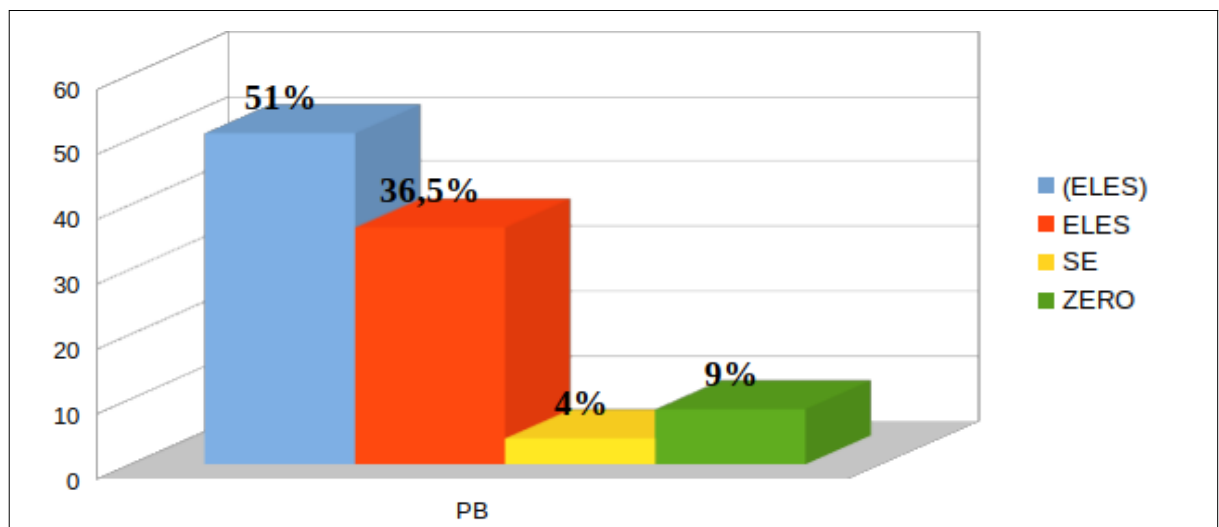


Fig. 3. Estratégias de referência exclusiva no PB

Ilustramos a seguir exemplos do PB do nulo de referência exclusiva:

- (17) a. A mãe dele [...] chegou lá, **eles disseram** que ela tava com uma virose \emptyset **aplicaram** uma injeção nela \emptyset **mandaram** ela pra casa ela começou a se sentir mal com a injeção. (NOVA IGUAÇU)

b. Olha, eu acho que: a/ nesse período eu acho que nunca **se precisou** tanto de psicólogos. (COPACABANA)

c. agora é que **Ø tá fazendo** algumas praça ... mas lazer ... lazer assim ... tem uma cachoeira. (COPACABANA)

A seguir, apresentamos a distribuição das estratégias por faixa etária para as estratégias exclusivas com traços de [+3ª pessoa /+plural] em Funchal na figura 4, já que uma de nossas hipóteses era verificar se este fator social influenciaria o uso das estratégias de indeterminação em detrimento de outra, já que vimos anteriormente (cf. capítulo 1), segundo Bazenga (2019) que este fator influencia o uso de estruturas não-padrão:

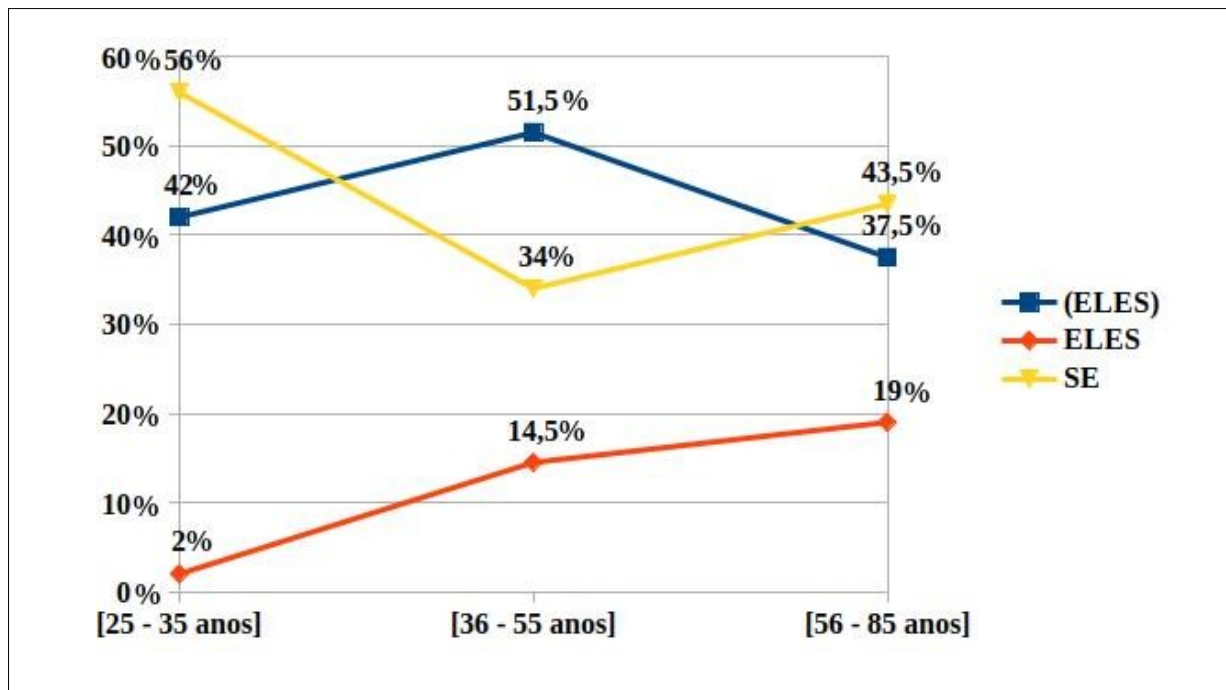


Fig. 4. Estratégias exclusivas com traços de [+3ª pessoa /+plural] por faixa etária em Funchal

Podemos ver, a partir do gráfico, que o clítico *se* e o pronome nulo exibem uma variação estável, com a faixa intermediária tendo comportamento oposto, o nulo superando o clítico com 51,5%. Apenas o uso do pronome expresso mostra uma curva ascendente em

relação à faixa mais alta, não indicando mudança. A seguir, apresentamos uma tabela com a distribuição das mesmas estratégias para o PEC e PB:

VARIEDADE	PE continental		PB		
	ELES	SE	ELES	SE	ZERO
[21 – 34 anos]	46 (23%)	32 (35%)	93 (25%)	3 (17,5%)	12 (33,5%)
[35 – 56 anos]	79 (39,5%)	24 (26,5%)	123 (33%)	8 (47%)	10 (27,5%)
[56 – 85 anos]	74 (37,5%)	35 (38,5%)	159 (58%)	6 (35%)	14 (39%)
TOTAL	191 (100%)	91(100%)	375(100%)	17(100%)	36 (100%)

Tabela 1. Distribuição das estratégias exclusivas [+3ª pessoa /+plural] por faixa etária no PE continental e PB.

Podemos observar que, assim como em Funchal (à exceção da 2ª faixa etária), nesta tabela que, independentemente da faixa etária, nas três variedades, foi forte a preferência pelo uso da forma nula de 3ª pessoa do plural. Além disso, nas variedades europeias, vemos uma revoada de clíticos, com pequena queda na 2ª faixa etária de ambas as variedades: 34% em Funchal e 24% no PE continental, mas mesmo assim ainda é vitorioso em relação a variedade brasileira, em que o clítico *se* se encontra praticamente em desuso. Na fala do mais jovens, só foram encontrados e dados 17,5% (3/17 dados) de clíticos exclusivo e um leve aumento 47% (8/17 dados) na 2ª faixa etária, um resultado que atesta o desapareciemnto dessa estartégia no PB oral.

Quanto à estratégia inovadora do PB, que mencionamos anteriormente, pouquíssimos foram os dados e sua distribuição é bastante regular com leve aumento na fala dos mais idosos com (39%). Levantamos a hipótese de ser uma falta de uso da marca de concordância pelo fato de os nulos de 3ª pessoa do plural serem uma forte preferência nesta faixa etária, conforme vemos na tabela acima – 159 dados (58%). No entanto, o exame do nível de escolaridade não nos permite confirmar essa hipóese. O que se pode dizer é que não há indícios de mudança em direção ao nulo exclusivo.

Dessa forma, podemos concluir, assim, que, na variedade funchalense, pelo menos no que se refere às estratégias de referência exclusiva que a competição entre o sujeito nulo de terceira pessoa e o clítico só ocorre na primeira e segunda faixa, com preferência por este

último. Nas variedades europeias do PE, esta estratégia se mostrou robusta, mas não superou a forma nula de 3ª pessoa do plural no PE continental, conforme se vê nos resultados para esta variedade na tabela 1. Seguindo um caminho diferente, temos o PB, em que o clítico está em extinção, restando o pronome nulo exclusivo, que, como dissemos, ainda parece ser um contexto bastante marginal (nesta amostra e na de Duarte 1995). Vejamos, na próxima seção, como se configuraram as estratégias de referência semi-inclusiva de [+1ª pessoa/+plural].

4.1.2. As estratégias semi-inclusiva caracterizadas pelos traços [+1ª pessoa/+plural]

No meio do contínuo, apresentamos os resultados das formas semi-inclusivas (definidas pelos traços [+1ª.pessoa/+plural]), que incluem necessariamente o falante, mas não necessariamente o interlocutor, conforme vimos anteriormente (cf. capítulo 2.2.1) e são representadas pelos pronomes *nós* e *a gente*. Ilustramos alguns exemplos em (18):

- (18) a. Quando **nós falamos** de cultura \emptyset **falamos** de cultura erudita \emptyset **não falamos** de bailinho do bailinho popular falamos sempre quando dizemos ah vamos falar de cultura é \emptyset **vamos falar** de escritores ou vamos falar de_ \emptyset **vamos falar** de dum tipo de pintura nunca ninguém mas o cultura é também é são os bailinhos populares e essas coisas também é cultura. (FUNCHAL)
- b. pronto agora se **a gente pagava** um café que era cinquenta escudos \emptyset , **passamos** a pagar cinquenta cêntimos portanto uma inflação de cem por cento. (FUNCHAL)

Podemos ver que, tanto em (18a) e em (18b), o falante se inclui e um número maior de entidades pode estar incluído. Foram encontrados 165 dados na variedade funchalense, correspondendo a 35,5% do total de 470 dados. Por outro lado, temos o PE continental com 430 dados – 50% do total de 925. A Figura 4, a seguir exhibe a distribuição das estratégias:

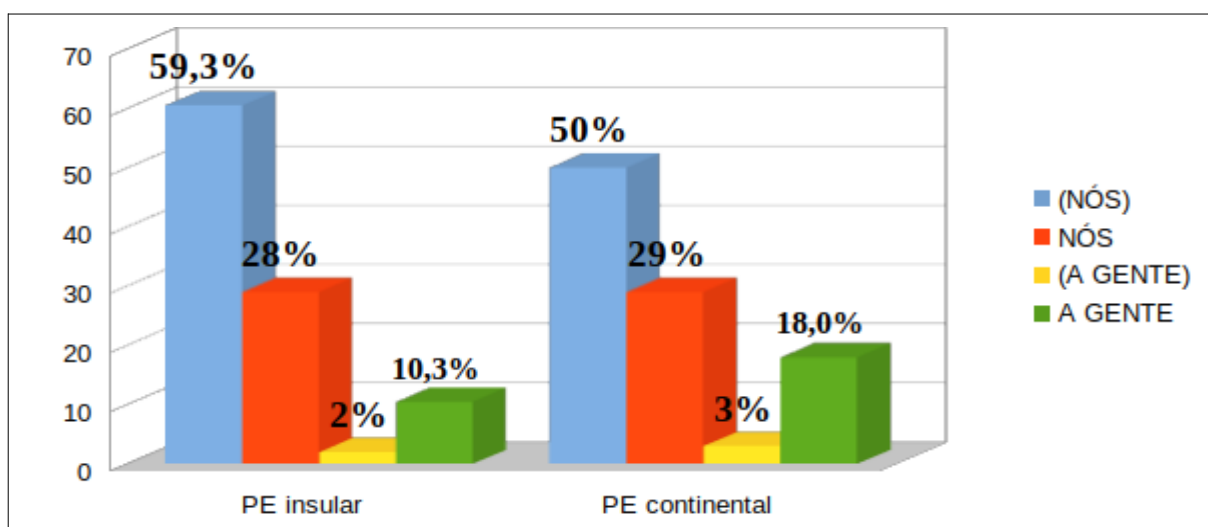


Fig. 5. Estratégias de referência semi-inclusiva no PE insular e PE continental

Os resultados mostram como as duas variedades se aproximam. Ambas exibem forte preferência pelo pronome *nós* nulo: 59,3% (Funchal) e 50% PE continental respectivamente, em relação ao pronome *nós* expresso, em que as duas totalizaram 29%. A seguir, temos alguns exemplos encontrados ao longo das entrevistas feitas em Funchal:

- (19) a. infelizmente é mais elevado do que **nós_i esperávamos** ehh_aquilo que **nós_i fazemos** hoje com o ordenado é o mesmo que \emptyset_i **fazemos** há algum tempo. (FUNCHAL)
- b. [...] no caso da internet expandiu, \emptyset_i **conseguimos teclar** com toda a parte do mundo e isso é bom agora \emptyset_i **temos** de saber_ e por isso que temos de saber \emptyset_i **temos de educar** os nossos filhos_a saber daquilo que \emptyset_i **estamos a falar** porque como já lhe disse nunca \emptyset_i **sabemos** quem tá por trás do outro computador [...]. (FUNCHAL)

Outro ponto de encontro entre as variedades está nos índices e na forma de realização do pronome *a gente*. Os índices são bem inferiores, mas a forma de realização encontra semelhanças: enquanto na variedade continental encontramos 3%, na variedade insular encontramos apenas 2%. As duas variedades preferiram a forma expressa: 10,5% e 18%, respectivamente.

Uma possível explicação para o baixo índice da forma *a gente*, tanto nula quanto plena nas duas variedades do PE, encontramos no trabalho de Cardoso (2018). Segundo a autora,

esta forma parece não estar plenamente gramaticalizada no PE, apesar de ser utilizada nessa variedade desde o século XVIII, ao contrário do que ocorre no PB, em que o SN *a gente* não tem mais valor nominal, enquanto seu uso como nome é muito comum no PE, como vemos nos exemplos em (20 a, b) extraídos da nossa amostra:

- (20) a. Nós começámos a ver as vossas novelas, aquilo era uma influência. **Toda a gente** queria viver assim. (OEIRAS)
- b. **Toda a gente** trabalha muito... o horário é aquele horário que... não temos tempo pra mais nada não é? (CACÉM)

Ao contrastar os dados de Funchal com os do PB, notamos como é grande a diferença. Vejamos a distribuição dessas estratégias na figura a seguir:

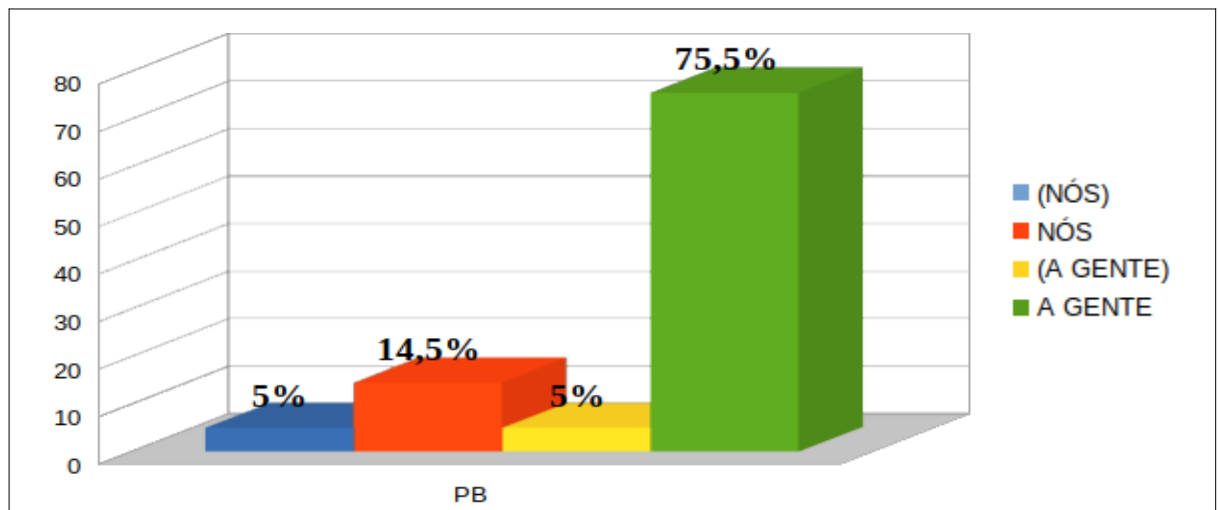


Fig. 6. Estratégias de referência semi-inclusiva no PB

Com 75,5%, o pronome pleno *a gente* ganha de longe do *nós* – nulo (5%) e pleno (14,5%) no PB. De acordo com Duarte (1993; 1995), é justamente a entrada desta forma gramaticalizada no quadro pronominal do PB a responsável pela redução drástica da riqueza flexional que tínhamos. E como consequência, há uma forte tendência ao preenchimento do sujeito, tanto os de referência definida quanto os de referência indeterminada:

- (21) a. **a gente**, não vê um/ uns profissionais... tão bons... né... **a gente**, vê que o pessoal é formado meio que nas coxas aí:... e **a gente**, vê professores de português professores falando de forma errada né.. (NOVA IGUAÇU)
- b. vantagem é a liberdade de horário... **a gente**, faz o nosso horário... **a gente**, faz nosso/ nosso dia... **a gente**,:... tem/ tem essa flexibilidade de horário... (NOVA IGUAÇU)

Diferentemente do PE insular, o que há na variedade brasileira é o término de uma competição, em que o pronome *a gente* venceu o *nós*. Mas, será que este tipo se concentra em uma faixa etária em específico ou ela será predominante em todas as faixas? Acima, vimos seu inexpressivo uso no PE insular. Ela se concentraria em alguma faixa no insular e se aproximaria do continental? Dessa forma, para responder a essa pergunta, passemos ao gráfico da figura 7 que distribui, segunda a faixa etária, as estratégias deste ponto do contínuo em Funchal:

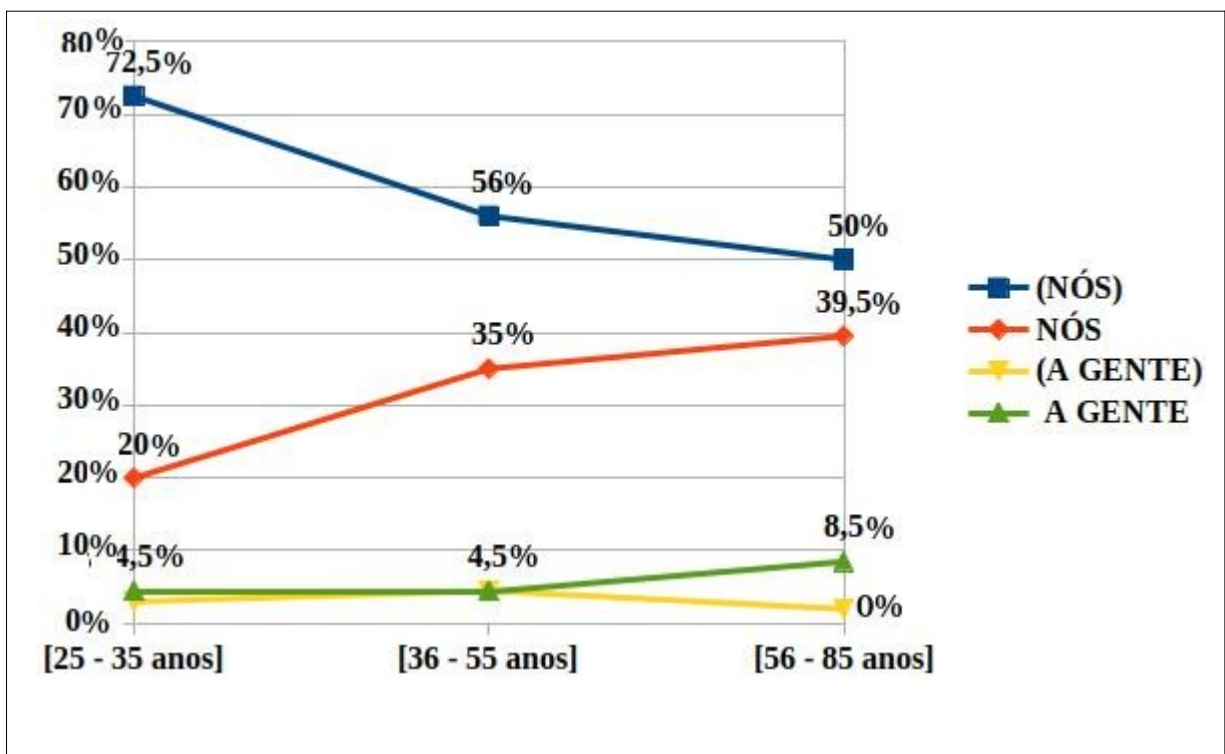


Fig. 7. Estratégias semi-inclusivas com traços de [+1ª pessoa /+plural] por faixa etária em Funchal

De acordo com o gráfico, vemos que independentemente da faixa etária, o pronome nulo *nós* nulo foi a forma preferida com 72,5%, 56% e 50% sendo muito interessante notar o fato de que são justamente os mais novos que preferem essa estratégia. Por outro lado, são os mais velhos que preferem *nós* expresso, variand entre nulos e expressos. A ambiguidade relacionada ao uso da form verbal sem marca de flexão com o pronome *a gente* pode explicar o uso de sua forma plena, especialmente em contextos iniciais. Ainda assim os índices foram baixos com 4,5% para a 1ª e 2ª faixa etárias e 8,5% para a terceira.

Nesse sentido, veremos que esta variedade se aproximará da variedade europeia, conforme aparece na distribuição feita por Sousa e Duarte (2018) para o PE continental e PB:

VARIEDADES	PE Continental		PB	
	NÓS	A GENTE	NÓS	A GENTE
[21 – 34 anos]	141 (41,5%)	17 (19%)	37 (30%)	216 (43,5%)
[35 – 56 anos]	113 (33,5%)	52 (58%)	43 (35%)	148 (30%)
[56 – 85 anos]	86 (25%)	21 (23%)	43 (35%)	131 (26,5%)
TOTAL	340 (100%)	90(100%)	123 (100%)	495(100%)

Tabela 2. Distribuição das estratégias de semi-inclusivas de [+1ª pessoa/+plural] por faixa etária no PE continental e PB.

Segundo a tabela, mais uma vez, vemos que o PB é a variedade que se distancia das variedades europeias. O que nos chama a atenção, nesta variedade, é que mesmo com um número expressivo do pronome *a gente*, há uma gradação à medida que se observa os resultados dos mais jovens para os dos mais idosos (43,5% para 26,5%) – o que revela claramente a mudança linguística. A forma *a gente*, regularmente distribuída pelas três faixas nesta amostra (ao contrário do que ocorreu na amostra de Duarte (1995), em que os jovens já não usam o pronome *nós*) já praticamente venceu a competição em relação ao pronome *nós*. E mesmo assim, quando utilizado, as formas são preferencialmente plenas, como visto na figura 6.

4.1.3. As estratégias inclusivas caracterizadas pelos traços de [+3ª pessoa/+singular]

Por fim, olhemos agora a distribuição das estratégias de indeterminação de referência inclusiva, que foi a segunda mais utilizada no PE insular. Como vimos anteriormente (cf. seção 2.2.1), são estratégias que podem ou não incluir o falante e compartilham traços [3ª.pessoa/+singular] e são representadas pelos pronomes *tu/você*, o clítico *se* e o *zero*. Reapresentando o que dissemos no capítulo anterior sobre o alcance discursivo dessas estratégias, Marins (2019) explica que estas estratégias correspondem : “[...] àquelas cuja referência , além de não poder ser determinada pelo texto/ discurso, é ilimitada no sentido de poder ser aplicada um conjunto infinito.” (p. 66). Ilustramos alguns exemplos desta estratégia em (22):

- (22) a. muda drasticamente por exemplo se **você é** ehh uma funcionária por conta de patrão, \emptyset **tá** também sujeita a alguns stresses a algumas pressões se \emptyset **tivesse** o seu trabalho sentia-se muito mais aliviada conseguia ter mais. (FUNCHAL)
- b. ah quando eu era pequena sim ouvia os relatos do benfica no rádio não havia televisão _ era pelo rádio só que **se ouvia**. (FUNCHAL)

Em (22a) e (22b), conforme explica Marins (2019), qualquer pessoa que seja funcionária está sujeita a estresse ou qualquer um pode ouvir os relatos do benfica que é time de futebol a que o falante está se referindo. Vejamos como ficou a distribuição dessas estratégias na figura a seguir:

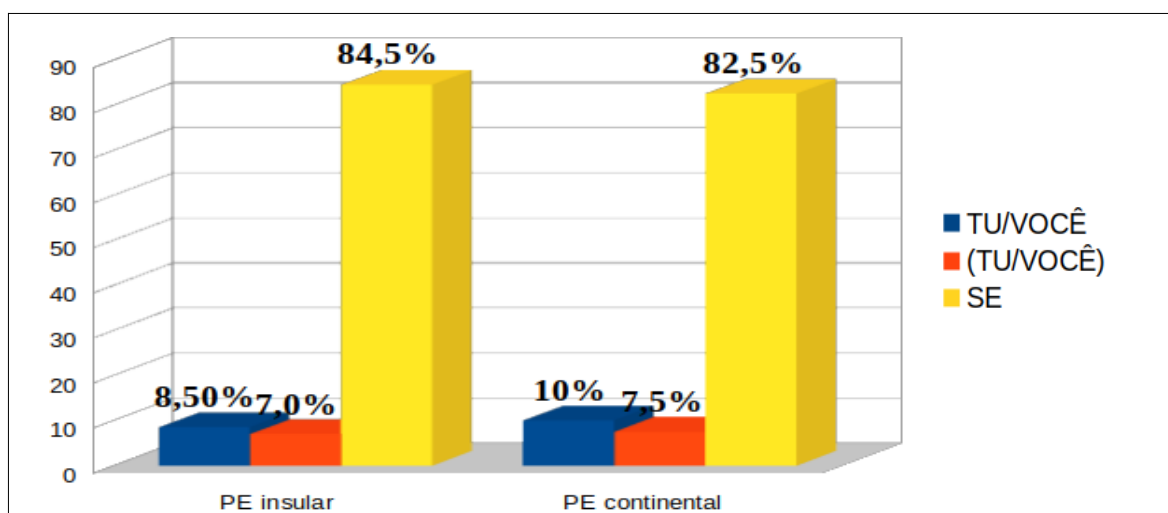


Fig. 8. Estratégias de referência inclusiva no PE insular e no PE continental

Dos 470 dados de indeterminação de Funchal, 33,5% (156 dados) vinculavam a referência inclusiva e podemos ver como ambas as variedades se aproximaram se aproximaram neste ponto do contínuo em específico. O clítico que se mostrou a estratégia favorita nas duas variedades. Funchal totalizou 84,5%, seguindo a mesma direção do PE continental com 82,5%. Por outro lado, os índices de uso do pronome *tu/você* foram baixíssimos com um total de 8,5% e 10% de formas nulas, contrastando com as pouquíssimas formas plenas 7% e 7,5%. Mostramos dessas estratégias das entrevistas de Funchal:

- (23) a. aqui na madeira por exemplo acho que há já ouvi dizer que há muitos cães abandonados. **Vê-se** muitos cães nas ruas não é. (FUNCHAL)
- b. ajudava-nos até a a guardar algum onde aqui não **se consegue** guardar ordenado _ eeh _ do ordenado que temos mensalmente não conseguimos guardar. (FUNCHAL)
- c. Se **tu; quiseses fizer** uma lista com dez grandes madeirenses que tenham contribuído e que sejam conhecidos em todo o país, **tu; quase que tens** dificuldade em encontrar. (FUNCHAL)

Enquanto tal estratégia se mostrou vitoriosa na variedade funchalense e na continental, a mesma se encontra praticamente extinta no PB. Vejamos como ficou a distribuição no próximo gráfico para esta variedade:

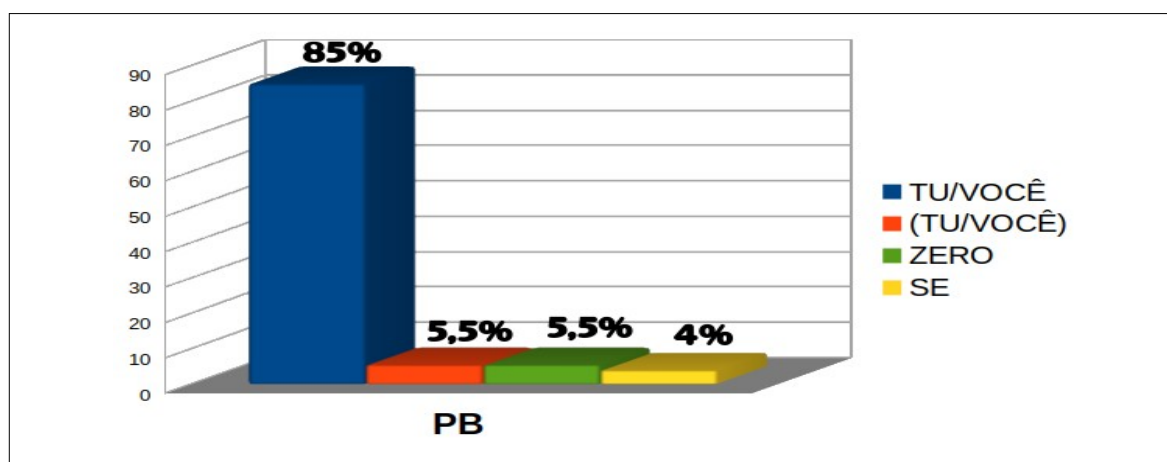


Fig. 9. Estratégias de referência inclusiva no PB

A partir dos resultados, notamos que o PB elege o pronome pleno *você/tu* (*você* mais que o *tu* nas amostras de fala carioca) como o ganhador com 85,5% de ocorrências do pronome expresso e 5,5% do pronome nulo, em casos raros de encaixadas. Como outros estudos mostraram, no PB, a perda desse clítico, com referência inclusiva, está ainda mais avançada do que aquele que veicula referência exclusiva, como vimos na Fig. 3 e na tabela 1. Quanto ao nulo genérico (ou *zero inclusivo*), o percentual alcança apenas 5,5%, um índice também inferior ao *zero exclusivo*. Ele foi bem menos produtivo. Vejamos, no gráfico a seguir, como ficou a distribuição dessas estratégias por faixa-etária na variedade funchalense:

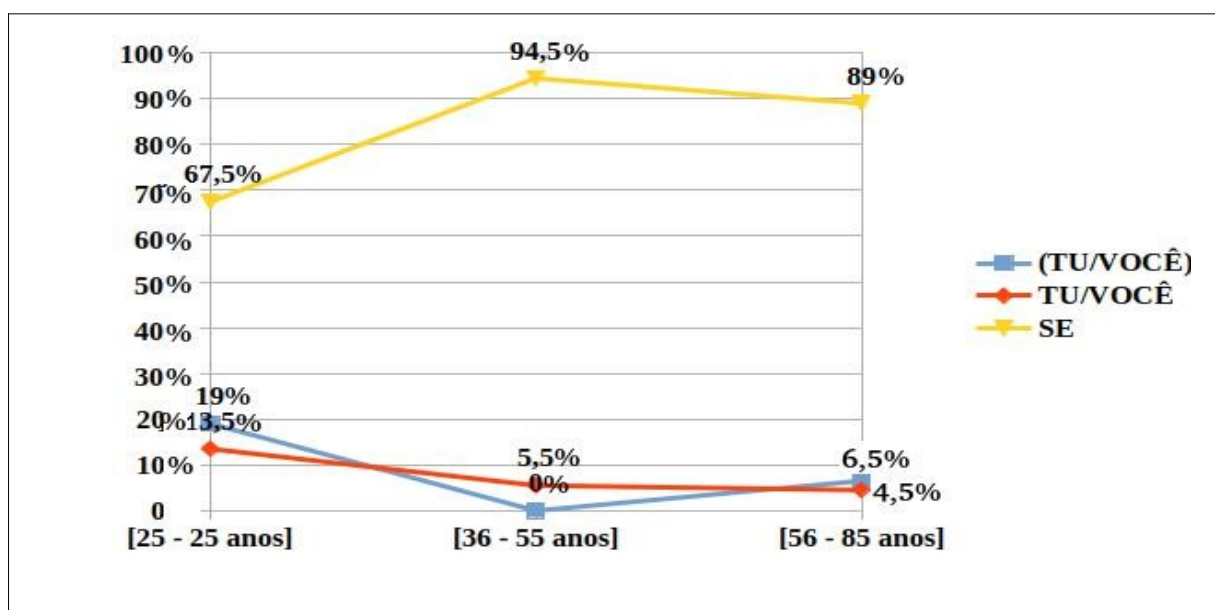


Fig. 10. Estratégias inclusiva com traços de [+3ª pessoa /+singular] por faixa etária em Funchal

A partir do gráfico, podemos concluir que, mesmo o clítico sendo a forma com maior preferência em Funchal, o que muito se aproximou do PE continental, esta estratégia teve um pico na faixa intermediária com 94,5%. Uma hipótese levantada foi a mesma para o uso dos clíticos de referência exclusiva – que vimos na seção anterior - a de que provavelmente estas pessoas estariam ingressando no mercado de trabalho e justamente por isso, tenderiam a monitorar mais a fala. No entanto, é difícil acreditar que uma estratégia tão robusta possa ser sentida como mais formal e ocorra num discurso mais monitorado. Quanto às formas nominativas *tu/você*, houve uma pequena concentração da fala dos mais jovens e mesmo assim nulas (o *tu* utilizado mais que o *você*) com 19%. À medida que avançamos pelas faixas

etárias, vemos seu declínio das formas plenas (de 13,5% para 4,5%). Pode-se, assim, supor, que no longo prazo essas formas venham a competir com o clítico.

Da mesma forma que procedemos para os resultados dos outros dois pontos do contínuo, expomos a tabela de Sousa e Duarte (2018) que distribui as estratégias de indeterminação, para a realização do contraste:

VARIEDADES	PE continental		PB		
	TU/VOCÊ	SE	TU/VOCÊ	SE	ZERO
[21 – 34 anos]	16 (35%)	73 (43%)	434 (30%)	13 (25%)	33 (36%)
[35 – 56 anos]	7 (15,5%)	48 (28,5%)	574 (40%)	21 (42%)	20 (21,5%)
[56 – 81 anos]	13 (49,5%)	48 (28,5%)	433 (30%)	16 (33%)	39 (42,5%)
TOTAL	46 (100%)	169(100%)	1441(100%)	50(100%)	92(100%)

Tabela 3. Distribuição das estratégias de semi-inclusivas de [+3ª pessoa/+singular] por faixa etária no PE continental e PB.

Como mostra a tabela, mais especificamente para a variedade brasileira, notamos que a estratégia com verbo na 3ª pessoa do singular teve ocorrência levemente mais alta entre os falantes pertencentes à faixa etária mais alta (56 a 85 anos), uma suspeita de que não se trata de mudança em curso. Quanto às formas *tu/você*, vemos que há um equilíbrio, concentrando-se na faixa-etária intermediária. E, como era de se esperar, o zero não foi encontrado no PE insular que mais uma vez ficou bem próxima da variedade continental, que também preferiu o clítico, sendo os mais jovens os que mais utilizaram (73%).

4.2. Dos resultados para aspecto e modalidade – o caso do nulo arbitrário e genérico

Os trabalhos de Duarte (1995), Marins et *alii* (2015, 2017) e Marins (2019) já haviam chamado atenção para o fato de estes sujeitos indeterminados se unirem a verbos que veiculam aspecto perfectivo ou imperfectivo – nos termos de Comrie (1985) – ou modalidade epistêmica ou deôntica – Raposo et al (2013), ou, em alguns casos, as duas possibilidades (aspecto + modalidade). Marins (2019), ao comentar sobre o uso de estratégias de indeterminação quanto ao fator aspecto no PB, argumenta que o clítico e o zero com referência genérica (que, segundo nosso pressuposto teórico, é o de referência inclusiva) se

uniria a verbos com aspecto imperfectivo, diferentemente do clítico e do zero de referência exclusiva – que autora se refere como arbitrário – como tendo, geralmente, um aspecto perfectivo.

Foi justamente por este motivo que levantamos estes grupos de fatores, pois gostaríamos de verificar como o fator aspecto e modalidade influencia a estratégia de indeterminação com o verbo na 3ª ps. sg - que chamamos de zero, em especial para o PB, em que a estratégia ocorreu tanto para a referência exclusiva (ou arbitrária), ilustrada em **(24a)** quanto para a referência inclusiva (ou genérica), ilustrada em– e **(24b)**. Tais estratégias não foram atestadas no PE continental e insular :

- (24)** a. olha... na televisão \emptyset fala muito isso né? eu não conheço ninguém que tenha passado por isso... eu acho que na universidade eu acho que você tem que entrar por seu mérito (NOVA IGUAÇU)
- b. não digo profissional \emptyset precisa de pessoas profissionais mas você vê... tem uma UPA aqui que tá fa/ tá em obra... [tão terminando ela né]... segundo o que foi informado (COPACABANA)

Dando sequência ao trabalho dos autores, nosso interesse em investigar o zero especificamente é porque queremos saber como se pode explicar o surgimento de um zero num sistema que tende ao preenchimento. Já sabemos que o clítico está em extinção, mas o zero pode estar em crescimento (embora os mais novos não mostrem isso).

Dessa forma, ilustramos, na tabela 4, a distribuição dos zeros com referência exclusiva, segundo o aspecto:

	Aspecto Perfectivo	Aspecto imperfectivo	Total
ZERO	24 (66%)	12 (34%)	36 (100%)

Tabela 4: Distribuição dos zero de referência exclusiva x aspecto no PB

Podemos notar, com relação a essas estratégias exclusivas que o aspecto perfectivo exerceu uma forte influência. Do total de 36 dados, 24 (66%) dados veiculavam tal aspecto. Ilustramos, em **(25)**, os exemplos de zero de referência exclusiva, porém o primeiro “ \emptyset matou fula:no” veicula aspecto perfectivo e o segundo “ \emptyset mata alguém” imperfectivo:

- (25) A violência lá (Nova Iguaçu)... oh... eu durmo tranquila, porque... assim... é muito raro (ter) () (a gente sabe assim) ... ah Ø matou fula:no ... e quando Ø mata alguém faz alguma coisa

Vejam, na próxima tabela, o comportamento das mesmas estratégias, para a referência inclusiva:

	Aspecto Perfectivo	Aspecto imperfectivo	TOTAL
ZERO	19 (20%)	73 (80%)	92 (100%)

Tabela 5: Distribuição dos zeros de referência inclusiva x aspecto no PB

A partir da tabela, vemos que do total de 92 zeros com referência inclusiva que analisamos, 73 dados (80%) correspondiam às estratégias que se combinavam com verbos veiculando aspecto imperfectivo e (20%) aspecto perfectivo que ilustramos, respectivamente em (26a) e (26b):

- (26) a. Não tem merenda: não tem... tá faltando. É o que eu tou falando, Ø tá precisando de políticos mais sérios que ao invés de pensar em ganhar dinheiro pensem mais em educação. (NOVA IGUAÇU)
- b. tem muita gente que... falta aula, o professor nem reclama. Ø Faltou, já tão te ligando... “oh teu filho não tá aqui no colégio”. (COPACABANA)

Outro ponto que vale ressaltar é que, do total de 2630 dados, 1958 (74,5%) correspondiam a verbos no presente do indicativo e subjuntivo – e, justamente por eles não possuírem marcas de tempo, é que eles podem veicular aspecto perfectivo e imperfectivo com o auxílio de alguns advérbios em alguns casos.

E a modalidade? Será que teria alguma diferença entre uma modalidade e outra quanto a referência? O número de dados ficou reduzido, porque nem todos os dados de sujeitos indeterminados se combinaram com auxiliares e verbos modais. Vejam na próxima tabela como se configurou as estratégias de referência exclusiva:

	Modalidade epistêmica	Modalidade deôntica	TOTAL
ZERO	2 (40%)	0	2 (total)

Tabela 6: Distribuição das estratégias de referência exclusiva x modalidade no PB

De acordo com os resultados acima, podemos concluir que o fator modalidade não foi produtivo com relação as estratégias de referência exclusiva. Não houve ocorrência de verbos modais deônticos, a maioria – 2 ocorrências – correspondiam a modalidade epistêmica (40%) que apresentamos anteriormente em (24b) e reapresentamos em (27):

- (27) Não digo profissional, \emptyset **precisa** de pessoas profissionais mas você vê... tem uma UPA aqui que tá fa/ tá em obra... [tão terminando ela né]... segundo o que foi informado (COPACABANA)

Por outro lado, os zeros com a referência inclusiva que se combinaram com os verbos modais, já teve uma configuração diferente:

	Modalidade epistêmica	Modalidade deôntica	TOTAL
ZERO	13 (36%)	23 (64%)	36 (100%)

Tabela 7: Distribuição das estratégias de referência inclusiva x modalidade no PB

Com esta tabela, podemos concluir que, quando o zero veicula referência inclusiva, ele se combina preferencialmente com auxiliares modais deônticos. Dos 36 dados, 23 (64%) correspondem à modalidade deôntica, ilustrado em (28a) e 36%, à modalidade epistêmica, em (28b):

- (28) a. Um gari nunca vai vai ter uma casa em Miami por exemplo... então \emptyset **tem que dar** possibilidade pra essas pessoas os filhos do gari pelo menos né... (COPACABANA)
b. não/não... acho que \emptyset **não pode resolver** com cota... acho que \emptyset **não pode ser** assim... porque a cota pra mim é totalmente superficial, sabe... (COPACABANA)

De acordo com estes resultados, confirmamos mais uma vez a afirmação de Marins (2019) de que as estratégias arbitrárias (ou seja, exclusivas) estariam ligadas ao aspecto

perfectivo, ao contrário das genéricas (as inclusivas) que se concretizam com verbos que veiculam aspecto imperfectivo, como podemos ver.

Considerações finais: o (não) contraste com o PE continental e PB

No capítulo 1, apresentamos a afirmação de Bazenga (2019) que argumentava que Funchal, no que se refere à variedade popular, apresentava estruturas não-padrão, aproximando-a, inclusive do PB. No entanto, com base em resultados que acabamos de expor, pelo menos no que se refere à expressão do sujeito indeterminado, podemos concluir que esta variedade se aproximou bem mais do PE continental: com um quadro robusto de clítico, a forma nula de 3ª pessoa do plural e a forma marginal, também nula, *nós*. O nulo arbitrário e genérico (ou zero) com o verbo na 3ª pessoa do plural não foi atestado.

Com relação ao nível de escolaridade e à faixa etária, notamos que estes fatores não influenciaram a escolha de uma estratégia de indeterminação em detrimento de outra em Funchal, o que o aproximou da variedade do PE continental, segundo os resultados apresentados por Sousa e Duarte (2018 e no prelo). Quanto aos fatores aspecto e modalidade, demos sequência ao trabalho dos autores, a fim de verificar o comportamento do zero (exclusivo e inclusivo), diante desses fatores, no PB. Segundo os resultados, notamos que estratégias com a referência exclusiva se concretizavam com verbos que veiculavam aspecto perfectivo e a estratégia inclusiva, com os que veiculavam aspecto imperfectivo. Das poucas ocorrências com verbos modais para o PB, notamos que as estratégias de referência inclusiva ocorreram com modais deônticos com 64%.

Assim, confirmamos empiricamente, mais uma vez, a hipótese de Marins (2019) sobre a diferença entre o clítico e o zero exclusivo e inclusivo (arbitrário e genéricos, segundo a autora) nas três variedades. As estratégias arbitrárias se combinariam com verbos que veiculam preferencialmente aspecto perfectivo e, quando concretizadas com modais, ocorrem com o epistêmico, diferentemente das genéricas, que, em sua maioria, ocorreram com o aspecto imperfectivo e com modais deônticos.

Dessa forma, concluímos que, apesar de o PE insular possuir uma variedade bem peculiar, como vimos na primeira seção deste trabalho, o contraste não se faria com o PE continental, e sim com o PB, no que se refere ao fenômeno da indeterminação do sujeito. Assim, como Sousa e Duarte (2018) mostraram em seus resultados, a presença de uma

estratégia peculiar – que na literatura se chama de zero, a baixa produtividade do clítico e a forte preferência pelo preenchimento pronominal do sujeito (principalmente com as estratégias *você* e *a gente*), nenhuma dessas características próprias do PB foi atestada para Funchal, o que nos surpreendeu, já que esperávamos resultados semelhantes, baseando-nos no comentário de Bezenga (2019), sobre a fala popular dessa localidade.

6. Referências bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa - Cursos de 1o e 2o graus*. São Paulo: Ed. Nacional . 1987.
- BEZENGA, Aline. Aspectos interdisciplinares e linguísticos na construção da identidade madeirense. In: *Pensadiverso: Revista de Estudos Lusófonos: Identidades*. Universidade da Madeira. Edição – setembro/2018.
- BAZENGA, Aline. Aspectos da Sintaxe do Português Popular Falado no Funchal. In: *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, n.º 1, pp. 727-758, 2019.
- BRISSOS, GILLIER e SARAMAGO. *O problema da subdivisão dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical*, p. 32, 2016.
- CARDOSO, Marianna Maroja Confalonieri. O percurso da indeterminação em peças brasileiras e portuguesas: uma análise comparativa: *Revista de Pesquisas em Língua Portuguesa*, UFRJ, v.1, p.177 – 207, 2018.
- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. O sujeito indeterminado na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 1999.
- CAVALCANTE, Silvia R. O. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Diadorim: Revista de estudos linguísticos e literários*, UFRJ, v.2, p. 63-81, 2007.
- COMRIE, Bernard. *Aspecto: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge Textbooks in Linguistic, 1976.
- CUNHA, Celso & Cintra, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1995.

DESCARTES, R. *The Philosophical works of Descartes*. Dover Publication: Nova York, 1955. Tradução para o inglês de E. S. Haldane e G. R. T. Ross. (Parte v, p.116: “Discourse on method”, original de 1637).

DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 107-128.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (1995). A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

DUARTE, Maria Eugênia Lamomglia (2003). A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia Duarte; PAIVA, Maria da Conceição de. *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 115-128.

DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia (2018). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, 107-128. [Reeditado pela Contexto]

_____; REZENDE DOS REIS, E. P. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. *ReVEL*, vol. 16, n. 30, 2018. Disponível em: www.revel.inf.br Acessado em 05 de janeiro de 2019.

HOLMBERG, A. 2010. ‘The null generic subject pronoun in Finnish: a case of incorporation in T’. In T. BIBERAUER et al. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 200–230.

HOMBERG, Anders e PHIMSAWAT, On-Usa. Truly Minimal Pronouns. *Diadorim: Revista de estudos linguísticos e literários*. volume 19, N. Especial, Rio de Janeiro. 2017, 11 -36.

HUANG, J.1984. "On the distribution and reference of empty pronouns". *Linguistic Inquiry*, 15:531-575

JAEGGLI, O.; SAFIR,K. The null subject parameter and parametric theory. In O. Jaeggli & K. Safir (eds) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, pp.1-44, 1989.

MARINS, Juliana; SOARES DA SILVA, Humberto; DUARTE, M. Eugênia L. Revisitando Duarte (1995): para uma análise gradiente das estratégias de indeterminação no português brasileiro. Comunicação apresentada na reunião do GT de Teoria da Gramática. UFMG, 2015.

_____. Revisiting Duarte (1995): for a Gradient Analysis of indeterminate Subject in Brazilian Portuguese. In *Diadorim: Revista de estudos linguísticos e literários*. volume 19, N. Especial, Rio de Janeiro. 2017, 141 – 172.

MARINS, Juliana. Indeterminação do Sujeito: ampliando a visão tradicional. In: *Descrição e ensino de língua portuguesa: múltiplos olhares*. Editora Gramma, Rio de Janeiro. 2019, 57 – 73.

ROBERTS, Ian; HOLMBERG, Anders. Introduction: parameters in Minimalist theory. In T. BIBERAUER et al. (eds) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010, 1-57.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, Boaventura S. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. In: *Tempo Social: Revista de Sociologia*, v.5 (1 – 2), 1993.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo. Contexto, 2013.

KROCH, Anthony. 1989. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, (1):199-244

_____, Anthony. “Morphosyntactic Variation”. In BEALS, K. et al. (eds.) Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society v. 2: *The Parasession on Variation in Linguistic Theory*. 1994, 1-23.

LOPES, C. “Vossa Mercê > você e Vuestra Merced> usted: o percurso evolutivo ibérico”. *LINGÜÍSTICA*, 14, 173-190, 2002

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: D. Lucchesi; A. Baxter; I. Ribeiro (Orgs.) *O Português Afro-Brasileiro*, 41-73. Salvador, EDUFBA. 2009

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

PHIMSAWAT, O. 2011. The syntax of pro-drop in Thai. Ph.D. dissertation, Newcastle University.

RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coord.). Gramática do Português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

REZENDE DOS REIS, Eduardo. P.; DUARTE, M. Eugênia L. O sujeito de referência definida e o deslocamento à esquerda: uma análise contrastiva entre PE e PB na Amostra “Concordância”. In Abraçado, J.; Dias, N; Lima-Hernandes, M. C. (orgs.) *Trabalhos apresentados no III Seminário sobre o Português em Uso*. Em preparação.

RIZZI, Luigi. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. Ms, 1988.

SOUSA, G.M.E; DUARTE, M. E. L. Estratégias de Indeterminação na fala brasileira e Portuguesa no Projeto Concordância. *Comunicação apresentada no III Seminário de Estudos sobre o Português em Uso*, PORUS, UFF, 2018.

SOUSA, G.M.E; DUARTE, M. E. L. Estratégias de Indeterminação na fala brasileira e Portuguesa no Projeto Concordância. In Abraçado, J.; Dias, N; Lima-Hernandes, M. C. (orgs.) *Trabalhos apresentados no III Seminário sobre o Português em Uso*. Em preparação.

TARALLO, F. “Por uma sociolingüística românica ‘paramétrica’: fonologia e sintaxe”. *Ensaios de Lingüística* 13: 51-83, 1987.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; MOTA, Maria Antónia Coelho da (Orgs.). *Corpus Concordância*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO; S. F. *CORPORAPORT: Variedades do Português em análise*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. www.corporaport.lettras.ufrj.br. Consultado em 05/01/2019.

VARGAS, Amanda de Santana Campos. A evolução na representação das estratégias pronominais de indeterminação. In: DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia Duarte. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*, p. 45 – 67. São Paulo: Parábola, 2012

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (trad. de M. Bagno). São Paulo: Parábola, 2006 [1968].